

PARA ONDE VÃO TEMPO?

Relatos e ficções à volta de contextos de vulnerabilidade

Ficha técnica

TÍTULO

Para onde vai o tempo? Relatos e ficções à volta de contextos de vulnerabilidade

AUTORES

Alice Catarino, Ana Gilbert, Beatriz Passão, Bruno Gaspar, Elsa Margarida Rodrigues, Jacinto Duro, Jorge Cardinali, Lisa Teles, Manuel Leiria, Maraia, Mónia Camacho, Nuno Henriques e Paulo Kellerman

EDIÇÃO

EAPN Portugal - Núcleo Distrital de Leiria
Rua Miguel Franco, 102, lote 8 - 2400-191 Leiria
E-mail: n.leiria@eapn.pt
Site: www.eapn.pt

COORDENAÇÃO

Elsa Margarida Rodrigues, Paulo Kellerman e Patrícia Grilo

Paginação: Licínio Florêncio
Impressão: GoPaper
Tiragem: 250 exemplares
Data de edição: 2020
Depósito legal: 466862/20
ISBN: 978-989-8304-54-4

©EAPN Portugal

Introdução

- 07 Sandra Araújo
- 09 Elsa Margarida Rodrigues, Paulo Kellerman e Patrícia Grilo

Alice

- 12 Ilustração de Lisa Teles
- 13 História de uma menina muito pequenina, por Alice Catarino
- 23 A Lua de Alice, por Elsa Margarida Rodrigues
- 29 Isto foram umas poucas de vidas, por Manuel Leiria

Beatriz

- 36 Ilustração de Bruno Gaspar
- 37 De bem com a vida, por Beatriz Passão
- 51 Um ponto fora do círculo, por Mónia Camacho
- 57 O Carrossel da Beatriz, por Nuno Henriques

Jorge

- 64 Ilustração de Maraia
- 65 Do Céu ao inferno e o regresso ao Céu, por Jorge Cardinali
- 71 Osso, por Paulo Kellerman
- 75 O antigo sem-abrigo que faz alicerces e lança pontes contra a pobreza, por Jacinto Duro
- 83 Ensaio Palavras de mim, por Ana Gilbert

Porque "entender é um modo de olhar. Porque entender, aliás, é uma atitude."

Clarice Lispector

A EAPN Portugal é uma organização não-governamental que tem como missão o combate à pobreza e a exclusão social, através de múltiplas formas de intervenção. Tratando-se de fenómenos multidimensionais complexos, as estratégias para os enfrentar têm também elas que ser diversificadas e abrangentes, capazes de mobilizar diferentes agentes e atores na sociedade, desde os que tem responsabilidades na definição das políticas, às instituições e aos próprios cidadãos, em especial aqueles que vivem em situação de pobreza e exclusão social.

“Dar voz aos excluídos” e promover a sua participação tem sido uma das bandeiras desta organização, que de uma forma sistemática e contínua tem investido em processos e metodologias participativas que tem vindo a ganhar crescente centralidade na organização interna, através da formação dos Conselhos Locais de Cidadãos em cada Núcleo Distrital e do Conselho Nacional de Cidadãos composto por um representante de cada um dos Conselhos Distritais.

Esta publicação é um dos resultados deste trabalho. Antes de mais resulta de um conjunto de valores e princípios que perfilhamos, desde logo, o princípio da dignidade da pessoa humana. Algo que parece simples, pacífico e consensual, mas tantas vezes é uma tarefa de enorme complexidade e responsabilidade.

Vivemos tempos de grande desumanização. Em todo o mundo, temos vindo a assistir a um desfile de constantes violações abjetas e brutais desses mesmos direitos que deveriam reafirmar a nossa identidade humana. Tal como avisou o secretário-geral das Nações Unidas, o “desrespeito pelos direitos humanos é uma doença” que se está a espalhar pelo mundo e a “prevenção deve ser a prioridade”.

Ler estas narrativas extraordinárias de três pessoas – a Alice, a Beatriz e o Jorge – que integram o Conselho Local de Cidadãos de Leiria faz-nos acreditar ainda mais que o nosso trabalho não só faz sentido como é urgente. São três testemunhos de vida que nos fazem refletir sobre este “carrossel” que é a vida. Para compreendermos, temos que conhecer. É importante “calçarmos os sapatos do outro”, ver por dentro.

Ao conhecermos as histórias da Alice, da Beatriz e do Jorge percebemos que nem sempre as histórias de vida das crianças são um conto de fadas.

Todos, embora de maneiras diferentes, partilham memórias e eventos vividos na infância que para sempre marcaram as suas vidas: a pobreza, o abandono, a violência... Em Portugal, de acordo os dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística (INE), relativos a 2017, mostram que o risco de pobreza entre as crianças e jovens até aos 18 anos era de 19%, o que representa perto de 330 mil crianças.

Percebemos também que nunca podemos ter nada como garantido. De um momento para o outro, tudo pode mudar nas nossas vidas. Os três depoimentos revelam quão frágeis e vulneráveis podemos ser, quando de repente algo nos falha. Todos temos um limite para o número de desgraças que conseguimos suportar sem perder o equilíbrio emocional. E quando isso acontece, é fundamental a nossa rede de apoio – a família, os amigos e as instituições.

Este livro é também demonstrativo do poder da resiliência dos seus três protagonistas. Todos são um exemplo de superação das duras batalhas da vida, lutando contra as adversidades foram capazes de encontrar um novo equilíbrio, recomeçar de novo e dar um novo sentido à vida.

Mas este projeto editorial não seria possível sem a colaboração inestimável dos escritores Elsa Rodrigues, Mónia Camacho e Paulo Kellerman, dos jornalistas, Jacinto Duro, Manuel Leiria e Nuno Henriques e dos ilustradores Bruno Gaspar, Lisa Teles e Maraia, e Ana Gilbert, a todos quero aqui deixar o meu agradecimento muito especial, porque aceitaram o desafio e ousaram buscar uma outra forma de olhar e entender o humano.

Desta forma é impossível não nos orgulharmos deste projeto, onde fica o registo indelével de histórias de vida que nos ensinam mais do que qualquer tratado filosófico; não só pela experiência mas, por essa experiência ser alvo de abordagens literárias, jornalísticas, poéticas que, como sabemos, captam a essência humana de uma forma mais tocante. Estou certa que colhemos nestes exemplos de vida, nestes relatos que aqui e ali nos emocionam, ensinamentos e vontade; otimismo e realismo; poesia e verdades que nos ajudem e inspirem a fazer mais e melhor no nosso quotidiano, quer laboral, quer pessoal. Sejam bem-vindos a leituras que, não duvido, são uma forma e uma fórmula para lutar contra a pobreza e a exclusão social.

Sandra Faria Araújo, diretora executiva da EAPN Portugal

ABRIR JANELAS

Alice, Beatriz e Jorge. Três cidadãos, que integram o Conselho Local de Cidadãos do Núcleo Distrital de Leiria da EAPN – Rede Europeia Anti-Pobreza / Portugal, e que aceitaram o desafio para, em formato de história, escreverem pedaços de vida que marcaram o seu percurso. Histórias de vida que cruzam dor, desafios, esperança e superação. Parecem terminar como finais felizes, como as histórias que nos contavam na infância. Como se a vida após um percurso de dureza encontrasse finalmente a felicidade, marcando, desta forma, o final da nossa vida. Deveria ser sempre assim, mas não é.

A Alice integrou o Núcleo Distrital de Leiria da EAPN Portugal há 11 anos. O Jorge há 9. E a Beatriz há sensivelmente 1 ano. Observamos nestas três pessoas uma vontade de crescer, de se superar, de se porem de bem com a vida e com os outros. De quererem sobretudo aprender. Uma aprendizagem contínua que os faz permanecer por cá. Que os faz aceitar desafios como este.

O foco deste projecto está nas narrativas dos seus participantes. Narrativas escritas, e não orais; escritas pelos próprios intervenientes. Porque o acto de escrever implica uma outra reflexão e estruturação de pensamento, implica olhar para o eu como espectador, fazer selecções e exclusões de factos, de sentimentos e emoções; a escrita implica um tempo diferente, um vagar que é decisivo na formulação do pensamento. Apenas com tempo se pode mergulhar no passado e retirar dele o que é pertinente; retirar o que já sendo passado também é presente e será futuro. Estas três narrativas conseguem retratar esse mistério que caracteriza a vida: as fronteiras entre passado, presente e futuro são quase sempre ténues e voláteis, quase sempre imperceptíveis. Fluídas como o vento. Como se fossemos seres tripartidos: presos ao passado, absorvidos pelo presente, atraídos pelo futuro; tudo em simultâneo.

E é por essa razão que precisamos de olhar a realidade a partir de diferentes ângulos. Para melhor nos localizarmos, para melhor nos situarmos; para encontrarmos referências. Por isso é que a partir das três

narrativas originais, que são o foco e a essência deste projecto, procurámos novas visões. Como se em cada narrativa procurássemos abrir janelas. Assim, cada texto partiu de base a três contos, a três ilustrações, a três abordagens jornalísticas. Multiplicando ângulos, potenciando leituras, descobrindo espantos, oferecendo perspectivas.

Jacinto Duro, Manuel Leiria e Nuno Henriques foram os jornalistas de três jornais regionais – Jornal de Leiria, Região de Leiria e Diário de Leiria, respectivamente – desafiados a colaborarem neste livro, através de uma abordagem jornalística. Conhecendo as histórias das pessoas aqui retratadas e aprofundando um ou outro aspecto em contexto de entrevista, permitindo-nos compreender melhor as trajectórias destes três cidadãos.

Às letras, palavras e frases juntaram-se desenhos que ilustraram os pedaços de história de vida de Alice, Beatriz e Jorge. Bruno Gaspar, Lisa Teles e Maraia são os ilustradores que deram vida às palavras.

Para um olhar mais académico, convidámos Ana Gilbert, que nos trouxe a perspectiva das narrativas pessoais e de como a escolha pessoal das palavras para expressar as suas vivências devolve a voz aos indivíduos, considerando-os agentes das suas próprias vidas.

Este livro pode ser observado como um exercício de reflexão sobre trajectos de vida marcados por vulnerabilidades, mas também por episódios de superação. Não deixa de ser um projecto artístico-literário-jornalístico que nos traz a perspectiva de três cidadãos que nos narram pedaços de vida que os marcaram de alguma forma e que lutam por oportunidades de inclusão numa sociedade que muitas das vezes os ignora, os esquece e os inviabiliza.

Se este livro constituiu um momento catártico para estes três cidadãos? Talvez. Se pode ser um exemplo de inspiração para outros cidadãos? Talvez. Que nos consigamos imaginar a viver uma outra vida quando a nossa não está bem, a sonhar e a superar-nos. Todos os dias. Como a Alice, a Beatriz e o Jorge.

Esta foi, de facto, uma ideia que se foi construindo e materializando num projecto que agora editamos. Expressamos a maior gratidão a quem possibilitou a sua construção: Alice Catarino, Ana Gilbert, Beatriz Passão, Bruno Gaspar, Jacinto Duro (Jornal de Leiria), Jorge Cardinali, Lisa Teles, Manuel Leiria (Região de Leiria), Maraia, Mónia Camacho e Nuno Henriques (Diário de Leiria).

Elsa Margarida Rodrigues, escritora

Paulo Kellerman, escritor

Patrícia Grilo, técnica do Núcleo Distrital de Leiria da EAPN Portugal

Alice



© LISA TELES

HISTÓRIA DE UMA MENINA AINDA MUITO PEQUENINA

Alice Catarino

Tinha eu pouco mais de um ano e meio quando o meu pai faleceu. Fiquei eu, mais quatro irmãos, todos ainda pequenos. A minha irmã mais velha tinha doze anos, a seguinte onze. Os meus irmãos eram mais novos e eu tinha apenas um ano e meio.

Infelizmente não conheci o meu pai. Tenho muita pena de não o ter conhecido. Chamava-se António, uma palavra que para mim é muito bonita. Mas o destino é assim, e às vezes prega-nos estas tristes partidas.

Os meus irmãos contam-me que foi um bom pai, muito amigo dos filhos e muito presente. Trabalhava muito para não nos faltar com a comida e com tudo o que nos era mais necessário num tempo que não era de grande abundância, mas brinquedos não nos dava.

Os meus irmãos mais velhos contam que o mais novo lhe pedia brinquedos e mais brinquedos e que ele então respondia, com calma e todo o carinho que tinha por nós: olha filho, eu não te posso dar os brinquedos que me estás a pedir, o dinheiro é pouco e tenho de o guardar para o que vos é mais preciso, a vossa comidinha e outras coisas, como os livros e cadernos para a escola. Mas o meu irmão não compreendia e chorava porque queria os brinquedos, não queria livros nem cadernos. E o meu pai, com toda a calma, não ralhava. Conversava com ele e a conversa dos brinquedos acabava. Os meus irmãos tinham muito respeito pelo meu pai e por tudo o que ele lhes dizia.

Nós não éramos ricos, mas tínhamos uma vida digna e vivíamos em paz. Enquanto o meu pai foi vivo tudo correu bem, mas depois veio aquela maldita doença que o levou muito novo e começámos a ter dificuldades. A minha mãe, tão nova, ficou sozinha com cinco filhos para criar e a casa para dirigir. Não era fácil, mas lá íamos vivendo como se podia, com muito trabalho e o esforço que a minha mãe fazia, que dava para ir aguentando o dia-a-dia.

O meu pai já tinha partido há dois anos quando o minha mãe encontrou outro senhor, com quem veio a casar daí a pouco tempo. E

então começaram os problemas nas nossas vidas. A minha mãe pensou que tinha feito bem em ter um novo marido para lhe facilitar a vida e ajudá-la no apoio à educação dos filhos, mas tudo foi ao contrário dos planos dela. Nada disso aconteceu. O tal dito senhor nunca quis viver connosco, até alugou uma casa para estar sozinho com a minha mãe e não ter que aturar os filhos dela.

De início a minha mãe não quis ir com ele, mas ele ameaçava-a e ela. Num grande dilema, acabou por ir viver com ele, deixando-nos a viver sozinhos na nossa casa, os filhos mais novos ao encargo das minhas duas irmãs mais velhas, e eu ainda praticamente um bebé.

Isso aconteceu por causa desse tal dito senhor, que nunca nos ajudou, nunca nos apoiou, nunca fez nada por nós. Ainda mais: não deixava a minha mãe ir-nos visitar. Ela só nos ia ver quando ele estava fora a trabalhar. Coitada da minha mãe, que tão maltratada foi por esse excelentíssimo senhor, sem nunca o ter deixado por medo que ele nos fizesse mal, a nós, que éramos ainda tão pequenos.

Então, quando tudo isso aconteceu, uma das minhas irmãs foi para casa do meu avô materno para que ele nos ajudasse. Ficou a minha irmã mais velha, na altura com 15 anos, sozinha a tomar conta dos meus dois irmãos mais novos, e da pequenina que era eu.

Esta minha irmã foi obrigada a ir trabalhar ainda muito nova para nos poder alimentar, e com a ajuda da irmã do meu pai, lá ia conseguindo manter os dois irmãos na escola, e a mim, que ficava a cargo da minha tia enquanto a minha irmã trabalhava e os meus irmãos não chegavam a casa.

Quando a minha irmã vinha do trabalho e os meus irmãos da escola, já a minha tia tinha comida feita para nós. Ou a levava a nossa casa, ou a comíamos em casa dela, e à noite ficávamos sozinhos com a minha irmã. Assim fomos vivendo algum tempo. Quando o meu irmão mais velho terminou a escola começou logo a trabalhar, ainda muito novo, para poder ajudar a minha irmã no que fosse preciso. O mesmo aconteceu ao outro irmão, que começou logo a trabalhar mal saiu da escola.

Os meus irmãos não tiveram muito tempo para brincar. Tinham tarefas que a minha irmã Silvana lhes destinava: O José ia buscar água à fonte e o Tino tinha de apanhar lenha para o lume porque nesta época não havia água canalizada nem aquecimento. Todos os dias era necessário ir à fonte buscar água para encher o depósito que tínhamos, de onde saía a água para fazer a comida, para tomar banho ou para lavar a louça. Os meninos não gostavam nada de fazer estas tarefas. O menino José, quando ia à fonte, lá dava uma escapadela e ficava um bocado a jogar à bola e o Tino aproveitava para ir buscar o irmão e ficar também. Era a Silvana que os ia buscar mandando-os para casa, lembrando-os que havia muito a fazer e ainda faltavam os trabalhos da escola. Eles vinham logo, respeitando-a

como se fosse uma mãe. E era. Tinha tudo muito bem organizado e todos faziam as tarefas que ela tinha destinado. Lembro-me dos meus irmãos fazerem a cama sempre antes de saírem, mas um deles deixava a roupa toda amarrotada e a cama toda mal feita. E a mana Silvana, quando chegava do trabalho ia ver as camas e não os deixava deitar enquanto não as fizessem como deve ser. Era o castigo que lhes dava, mas um deles deitava-se muito rapidamente para não ter de fazer a cama de novo. Às vezes tornava-se uma brincadeira, mas quando a irmã mais velha se chateava, eles obedeciam sempre. E ouviam os seus conselhos muito atentos e com muito respeito.

Eu, por essa altura, ainda era pequenita e por isso não fazia muita coisa em casa, mas um dia a mana chamou-me e disse-me: anda cá, agora vais fazer a nossa cama, vou ensinar-te. E assim chegou a minha vez. A Silvana disse-me tudo com um sorriso, acrescentando que na minha idade ela já fazia as camas e arrumava as coisas da casa. Estava na altura de começar a aprender para ajudar lá em casa. Eu já andava na escola, devia ter uns oito anos, mas ainda era a menininha da família, pouco fazia, e por isso achei muito estranho quando os meus irmãos começaram a dar-me ordens. Eu obedecia, mas às vezes retilava com eles. Então houve um belo dia em que a minha irmã me disse:

- Lá porque és a menina da casa, tens de compreender que um dia vais ser uma mulherzinha. Os manos têm trabalhado desde pequenos, eu também tenho ajudado o que posso, mas agora é a tua vez.

Estes meus três irmãos, todos muito unidos, com o seu esforço e trabalho, conseguiram dar a volta aos momentos mais difíceis da nossa vida. E assim se passou algum tempo. Mas uma má notícia estava para chegar: a minha irmã, que vivia em casa do meu avô, falecera, ainda tão nova. Eu já andava na escola, na terceira classe, e lembro-me do desgosto e sofrimento que todos sentimos. Éramos todos muito amigos e já tínhamos perdido o pai, a minha mãe vivia noutra casa, e agora perdíamos a irmã! Nem queríamos acreditar no que nos estava a acontecer.

Mas a verdade é que a má notícia nos bateu à porta. A minha mãe não estava connosco, mas assim que recebeu a notícia veio logo. Percebemos que ela estava a sofrer tanto quanto nós. Ver uma filha partir tão inesperadamente não é fácil!

Nesta fase tão triste da nossa vida, a nossa mãe esteve junto a nós e foi muito presente. Durante o dia estava sempre connosco, mas à noite tinha de regressar a casa para junto do marido para que não houvesse conflitos com ele. Quando estava connosco mostrou-nos o quanto gostava de nós. Sentimos o carinho dela e chegámos a pensar se não seria então que ela regressava para casa. Seria tão bom termos a nossa mãe de volta!

Mas não aconteceu. Havia alguma coisa que ela guardava em silêncio e não nos dizia ou não podia dizer. E assim continuámos a viver sozinhos,

eu e os meus três irmãos. Tivemos algumas ajudas dos nossos vizinhos e pessoas amigas da nossa aldeia que nos vinham visitar e perguntar se precisávamos de alguma coisa. Traziam-nos sempre um miminho e tinham uma palavra amiga, o que foi um apoio importante naquela fase. Como diz o ditado, quando estamos aflitos é que se conhecem os amigos.

Assim foi: tivemos muitas pessoas ao nosso lado. Talvez por sermos tão novos e estarmos a passar um drama tão grande. Mas o amor de irmãos cada vez nos unia mais. Sentíamos que não havia nada que nos pudesse separar. Com muitas dificuldades, mas lá ia cada um para o seu trabalho. Logo que terminavam, regressavam a casa para que estivessemos juntos e nenhum de nós se sentisse sozinho.

Mas quando a minha irmã Magui morreu andámos todos um bocado desorientados. Para mim já nada fazia sentido. Eu não queria ir à escola, não queria comer. Faltei alguns dias. Chorava, não queria ir e os meus irmãos, coitados, já não sabiam o que fazer comigo.

Diziam entre si muito preocupados: a menina já não quer ir à escola, já não quer comer... o que mais nos irá acontecer?

Um dia resolveram falar com a minha professora e a minha irmã mais velha, Silvana, lá foi. A professora disse-lhe para não ficarem preocupados:

- A Alice é uma boa menina e boa aluna, está é revoltada com tudo o que estão a passar. Não é fácil. É muito nova e talvez não compreenda ainda bem o que vos aconteceu. São coisas muito difíceis para vocês e para ela. Eu vou ajudar-vos o que puder. Eu vou ocupar-me da Alice! Passo a ir buscá-la a vossa casa, ela vai comigo para a escola, falo com ela pelo caminho e quando chegar à escola já vem descontraída. Penso que será o melhor para ela, para vocês e também é mais fácil para mim.

A minha professora foi muito boa para mim. Ajudou-me muito, a mim e aos meus irmãos. Lá me vinha buscar todos os dias a minha casa, mas havia dias que era difícil eu ir. Não queria mesmo ir à escola. Houve um dia em que a minha irmã Silvana me perguntou: porque não queres ir à escola? Gostavas tanto de ir e agora não, porquê?

Então eu respondi que a nossa irmã Magui me ajudava muito nos trabalhos que eu trazia para fazer da escola, e agora que ela havia partido já não havia quem me ajudasse. Mesmo estando eles, não era a mesma coisa. Eles andavam tristes e já nada fazia sentido. E na escola as colegas estavam sempre a fazer perguntas e eu não gostava. Sentia-me inferior a elas.

Então a minha irmã Silvana respondeu-me com toda a calma que eu não podia faltar mais à escola.

- Não nos queres ver tristes, pois não? Perguntou ela. E continuou: - Faz isso por nós. O mano José vai-te ajudar nos trabalhos de casa naquilo que ele souber para que não fiques atrasada, e tu vais passar de classe, está

bem? Neste momento só tu nos podes dar um pouco de felicidade. A tua professora também vai ficar muito contente se isso acontecer.

Depois dessa conversa, a minha irmã Silvana deu-me um beijo e abraçou-me muito, e assim me convenceu. Continuei a ir à aulas, apesar de haver dias em que não tinha vontade nenhuma, mas consegui passar de ano. Então aí é que vi a felicidade que dei aos meus irmãos e à minha professora, que tão boa foi para mim e tanto nos ajudou.

A vida continuou, uns dias melhor e outros dias pior, e assim foi passando o tempo. E quando a minha irmã Silvana tinha dezoito anos começou a namorar um rapaz com quem casou um ano depois. No entanto não nos deixou, porque quando se casou ela e o marido resolveram ficar a viver nos anexos da minha casa para ficarem mais perto, e assim continuou a ajudar e a cuidar de nós.

O rapaz foi um bom marido para a minha irmã e um bom homem que entrou para a nossa família. E íamos todos vivendo como podíamos. Na minha casa estava eu e os meus dois irmãos, mas com a minha irmã sempre por perto.

Algum tempo depois, tinha o meu irmão Tino dezassete anos, pensou ir trabalhar para Angola e foi. Fiquei eu e o meu irmão José, os dois a viver sozinhos na nossa casa. Como a vida cá era muito difícil e ganhava-se muito pouco, o marido da minha irmã Silvana também resolveu ir trabalhar para o estrangeiro e foi para França. Passado um ano e meio acabou por vir buscá-la. Custou-lhe muito ter de nos deixar, mas tinham de fazer pela vida deles. No dia em que a minha irmã e o marido foram embora choraram e andaram muito tristes. Eu cheguei ao pé da minha irmã e disse-lhes:

- Mana, não vos quero ver tristes. Vão tranquilos à vossa vida, não se preocupem connosco que eu agora já sou grandinha. Já sou uma mulherzinha de 13 anos e já sei cuidar de mim e do nosso irmão. E se ele não se portar bem, puxo-lhe as orelhas.

A minha irmã sorriu e respondeu:

- Sim, já costumava fazer isso!

Era um brincadeira. Eu fazia isso a brincar com ele, não a sério, mas fez com que eles sorrissem um sorriso triste. E lá foram embora. Assim que lá chegaram enviaram-nos logo a notícia que tinham chegado bem e que daí a dois dias já iam trabalhar, mas que nos tinham no coração.

Nessa altura não havia telefones como hoje. Na aldeia só havia um telefone público. Quando íamos telefonar à minha irmã estava sempre ocupado. As saudades, de lado a lado, eram cada vez maiores. Chegávamos à noite e já não estávamos juntos, já não havia troca de palavras, nem teimosias. Tudo isso nos estava a fazer falta. De repente estávamos só eu e o meu irmão, mas ele disse-me:

- Vamos ser fortes! Éramos quatro e agora só somos dois, mas vamos conseguir dirigir a casa e fazer as nossas coisas como até aqui, para quando telefonarmos à mana lhe dizermos que está tudo bem connosco e que não queremos que ela ande triste, porque a amamos do fundo do coração e ela continua dentro do nosso coração, assim como os outros irmãos.

Claro que a nossa tia, irmã do meu pai, nos ajudava muito. Ou melhor, continuou a ajudar, porque sempre o fez. Estava sempre preocupada se nos faltava alguma coisa e ajudava-nos nas tarefas da casa. Todos os dias nos convidava para comermos na casa dela. A maior preocupação era se comíamos decentemente. Quando não íamos a casa dela, vinha ela à nossa. Todos os dias à noite nos fazia um bocadinho de companhia para que não nos sentíssemos tão sozinhos.

Perguntava sempre pela nossa mãe. Por vezes não sabíamos o que responder. Outra vez lá dizíamos que ela não nos podia ajudar para poder estar bem com o marido. E a minha tia compreendia. Dizia que aquele homem a tinha enganado bem, e que tinha pena dela, mas que não podíamos fazer nada. Às vezes essas conversas davam-nos vontade de ir buscar a nossa mãe para junto de nós, mas não o fazíamos com medo do que o marido dela pudesse fazer. E por isso evitávamos conflitos. Se tínhamos vivido até aí sem ela, e éramos mais pequenos, daí para a frente também íamos conseguir. Mas não deixámos nunca de gostar da nossa mãe e muito menos que fosse criticada por outras pessoas. Havia sempre aquelas pessoas ignorantes que faziam perguntas que nós não gostávamos, ao que nós nem sequer respondíamos, mas ficávamos muito tristes, por vezes até chorávamos. Só nos dava vontade de responder mal. Não chegava o que estávamos a passar, quanto mais ouvirmos criticar a nossa mãe. Havia momentos em que nos dava vontade de sair da aldeia para outro lado, mas infelizmente não tínhamos posses para isso. Foi ali que nascemos, que tínhamos as nossas coisas e que brincámos uns com os outros. Mas com o apoio da nossa tia, irmã do nosso pai, conseguíamos ultrapassar. Ela sempre nos dizia:

- Não façam caso do que as pessoas dizem, essa gente tem é inveja da educação e humildade que vocês têm. Há crianças que têm pai e mãe, mas falta-lhes a educação, e, graças a Deus, até aqui vocês têm sido umas crianças impecáveis. Enquanto eu for viva vou-vos apoiar no que puder.

Esta tia foi uma santa para nós. A minha irmã e o meu irmão lá continuavam no estrangeiro, e eu e o mano José lá íamos vivendo em Portugal sozinhos, mas com a minha tia sempre por perto a olhar por nós. Um dia, com as poupanças que tinha conseguido, com a ajuda da minha irmã Silvana e com um dinheirito que a nossa avó paterna nos deu, o meu irmão José resolveu pôr um telefone em nossa casa. Quando ele me disse fiquei muito contente. Já podia telefonar para a minha irmã Silvana! Que

feliz fiquei! Pensei logo em telefonar todos os dias para a minha irmã, só que os meus planos não saíram certos porque o meu irmão avisou-me que tivesse cuidado ao telefonar, porque a tarifa saía cara.

- Sabes bem que sou sozinho a trabalhar, e para levar a vida equilibrada temos que poupar - dizia ele.

Mas só que eu não fiz caso do que ele me disse. Quando ele ia trabalhar, nem sempre esperava por ele para falar com a minha irmã. O costume era estarmos junto para não gastar tanto, mas um belo dia as coisas saíram-me erradas: ele veio mais cedo e apanhou-me a telefonar para a mana. Ficou muito chateado e ralhou muito comigo. Fui desobediente, eu sei, mas não é preciso estares tão zangado comigo, disse-lhe eu. A minha irmã, que estava do outro lado do telefone, percebeu que ele estava a ralhar comigo e defendeu-me. Disse-lhe que não era preciso estar tão chateado comigo e definiu que marcaríamos uma hora para telefonar e que passaria a mandar uma mesada para mim enquanto não trabalhasse. Assim foi. Eu estava sempre à espera do fim do mês e foi uma grande ajuda para nós.

O mais bonito é que o meu irmão me veio pedir desculpa por me ter falado alto. Nesse dia vi o quanto o meu irmão nos amava a mim e aos meus irmãos. Foi a primeira e última vez que me ralhou, e com razão, porque fui desobediente.

Assim continuámos a nossa vida, com uns dias melhores e outros piores, mas sempre com os meus irmãos no coração. Até que um dia o meu irmão José, como é normal, foi para a vida militar. No dia em que foi assentar praça em Leiria chorava ele para um canto e eu para o outro. Eu tinha de ficar sozinha na casa que viria a ser minha. Mas eu não sabia que ele tinha falado com a minha tia para cuidar de mim enquanto ele andasse na tropa. Eu gostava muito da minha tia, mas não queria ir para casa dela. E a minha tia, que era tão boa, disse ao meu irmão que viria dormir para casa comigo.

Mais uma vez foi uma fase triste e complicada da minha vida, que nem é bom recordar. Foi uma fase muito, mas muito triste. Até para a minha tia. Houve uma altura em que a minha pobre tia já não sabia o que fazer. Sentia-me tão sozinha neste mundo, sem mãe, sem pai e sem os irmãos a quem estava habituada. Só tinha a minha tia por perto para me dar um carinho e me apoiar.

A minha irmã Silvana lá me ia telefonando, mas não era como se estivesse perto de mim. O meu Tino também me telefonava de Angola, mas era a mesma coisa. Estavam todos longe de mim e as saudades aumentavam todos os dias. Lá fui aguentando até que a tia me convenceu a dormir em casa dela para que estivesse mais descansada e assim foi até que o meu irmão saiu da tropa.

Ele estava no quartel de Leiria, e por isso conseguia vir todos os fins-

-de-semana a casa. Era uma alegria quando ele chegava. O transporte dele era uma motorizada pequenita que fazia um bocado de barulho, então quando ele vinha aos fins-de-semana a casa ouvia-se o barulho da motita ao longe. Vinha logo a minha tia e corríamos as duas para a rua à espera que ele chegasse. Fazíamos uma festa os três agarrados uns aos outros. Ele chegava sempre mais ou menos por volta das oito horas da tarde e logo de seguida telefonávamos à minha irmã para falarmos todos. Ficávamos todos à conversa e tínhamos alturas de estar uns bons minutos.

A vida foi continuando até o meu irmão ser escalado para lutar na guerra em Angola. Aqui é que a minha família, até os tios da parte da minha mãe, ficou desesperada. Vi a minha família toda unida a dar-nos apoio. Não era justo deixar-me, a irmã mais nova, praticamente sozinha com o último irmão a ir também para o estrangeiro. Ainda por cima para a guerra. Mas tivemos uma luz que nos guiou. Deus ia-nos proteger, e assim foi. Com a ajuda e pedidos dos tios e algumas pessoas da nossa aldeia, foi falar-se com o padre que estava na aldeia nessa altura, que era também capelão no quartel militar de Leiria, e este intercedeu pelo meu irmão junto dos maioraes do quartel. O meu irmão acabou por não ir para Angola porque me tinha ao seu cargo e eu era menor. Assim se livrou de partir e ficámos com um pouco mais de alegria. No entanto continuou a sua vida militar e até foi promovido, mas teve de ir para Santa Margarida, onde ficou três anos. Ainda assim foi melhor do que se fosse para Angola, e numa missa o padre até agradeceu em nosso nome a todos os que nos tinham ajudado a que ele não fosse para a guerra.

Quando o José terminou a tropa voltou e continuou a trabalhar. Ganhava um salário razoável. Eu também comecei a trabalhar e vivíamos em casa da nossa tia, que não nos levava dinheiro por nos sustentar. O meu irmão é que lhe dava qualquer coisa, mas ela nunca queria aceitar. Eu não dava nada porque ganhava pouco. O que recebia era para mim. Com esta folga, o meu irmão começou a fazer uma poupança com a ideia de começarmos a fazer uma casa. Entretanto começou a namorar com a rapariga com quem casou e com trabalho e esforço foi fazendo a casa e consegui aquilo que sonhou. Casou e foi muito feliz, assim como a minha irmã. O meu irmão que estava em Angola teve também uma vida muito boa. Eu continuei com a minha tia e não posso dizer que estava a viver mal. Ganhava pouco, mas tinha o meu anjo da guarda, a santa da minha tia, irmã do meu pai, que esteve sempre ao nosso lado.

Quando estávamos todos mais ou menos estáveis, o meu irmão Tino, que estava em Angola, adoeceu e teve de voltar para Portugal para se curar. Infelizmente a vida não quis que assim fosse. Esteve cá um mês e Deus levou-o. Ficámos com menos um irmão, tivemos mais um grande desgosto. A vida fez-nos muitas partidas! Nesta altura já eu era uma

mulher. Mais uma vez ultrapassámos esta tristeza, mas de seguida a minha tia também partiu.

Fiquei com o meu irmão José, mas como a sua mulher não era rosa de cheiro, comecei a pensar se não seria melhor ir viver com a minha irmã Silvana. Falei então com ela, e ela, muito contente, disse-me para ir, que se arranjaría trabalho e ia ganhar mais. Cá trabalhava por minha conta, ganhava muito pouco e já não tinha ajudas. A minha irmã Silvana já tinha filhos e eu não queria sobrecarregá-la. O meu irmão, coitado, lá me dava qualquer coisa quando podia, e a minha tia já tinha partido. Então decidi e fui mesmo para junto da minha Silvana para França. Fui para casa dela e era mais uma filha que ela tinha. Quando ela chegava a casa perguntava aos filhos se eu já tinha chegado, sempre preocupada comigo. Também tinha um marido que a apoiava naquilo que ela fazia e não levantava problemas quando ela me ajudava. Mais tarde a minha irmã e o marido voltaram para Portugal e fiquei eu e os meus dois sobrinhos mais velhos em França. Já todos trabalhávamos e vivíamos mais ou menos. Enquanto estive em França também consegui fazer uma casinha para mim, construída pelo meu José que na altura era empreiteiro de obras.

Uns cá e outros lá, assim fomos vivendo até eu regressar também a Portugal. Nessa altura fui trabalhar por conta da minha irmã Silvana e tudo correu bem. Mas como a minha irmã já estava um pouco cansada e o meu cunhado se reformou, decidiram fechar o restaurante e eu fui para o Centro de Emprego. Não tinha trabalho nem ajudas de ninguém e fiquei muito triste. Além disso perdemos também o nosso irmão tão querido com uma maldita doença que o levou muito rapidamente. Éramos três e agora somos só duas irmãs.

Nunca tivemos mimos de mãe e do pai poucos porque infelizmente partiu muito cedo. Criámo-nos uns aos outros, graças a Deus. Fomos todos muito amigos e as que cá estamos vamos continuar a ser.

Em algumas situações fomos discriminados. Não pelo nosso viver nem pela nossa pobreza, mas tinham ciúmes da nossa união e inveja da nossa humildade e educação, ao contrário de alguns filhos que são criados com tudo, não lhes faltam com nada, mas falta-lhes o melhor, que é a educação e o respeito para com os outros, que foi uma coisa que nós sempre tivemos.

Como me diz a minha irmã Silvana, talvez por sermos adultos muito cedo quando o que queríamos era ser crianças, talvez pela vida que tivemos, com grandes montanhas de espinhos que nos fizeram doer muito, mas todos juntos, com o amor que sempre tivemos uns pelos outros, fomos sabendo curar essas feridas. Agora sou só eu e a minha irmã Silvana. Claro que não vivemos na mesma casa e cada uma tem a sua vida, mas quando uma precisa a outra está sempre perto. Todos os dias a minha irmã me telefona para saber se está tudo bem comigo, e sempre que estamos juntas

falamos nos manos que já partiram como se eles estivessem junto de nós. É incrível, mas é verdade. Eles estão sempre presentes no nosso coração. E mesmo tendo sido criados sem pai e sem mãe, também os temos num cantinho do coração. Ainda hoje muita gente se admira por falarmos do nosso pai e, principalmente, da nossa mãe com tanto respeito e carinho, quando há tanta gente com pai e mãe que não se lembra de quem os criou. Mas nós sempre fomos assim. Sempre soubemos dar valor ao amor porque foi ele que nos manteve unidos e fortes ao longo da vida dura que fomos tendo.

A LUA DE ALICE

Elsa Margarida Rodrigues

- Alice! Lá estás tu outra vez com a cabeça na lua!

Alice estava. Com cabeça, coração e, se pudesse, o corpo inteiro. Mas o corpo não podia. O corpo ficava sempre no mundo triste que lhe tinha calhado em destino. A cabeça, essa, ninguém a podia obrigar a ficar presa à tabuada dos nove.

- Nove vez um nove. Nove vez dois dezoito. Nove vezes três vinte sete – cantava, mas a cabeça teimava em fugir. – nove vezes quatro.. ah... trinta e dois?

Os meninos riam, numa inocência cruel de quem fareja fraqueza.

- Então Alice! – disse-lhe a professora numa repreensão suave. – Vamos lá outra vez, mas agora pensa bem!

E Alice puxava a cabeça para a Terra e começava novamente, nove vez um nove, nove vez dois dezoito, nove vez três vinte e sete, pausa, respirar fundo, nove vez quatro e os lábios da professora mexiam e davam-lhe a resposta, trinta e seis, e o sorriso da professora acariciava-a e continuava, nove vezes cinco quarenta e cinco, a professora sorria, os meninos em silêncio, e quase dava vontade de ter a cabeça na Terra para ter aquele sorriso aberto e aquele olhar doce, quase quase maternal. Melhor seria se fosse a mãe a sorrir-lhe assim, mas a mãe não podia. Nove vezes seis... nove vez seis... E o olhar da professora suplicante e os lábios a mover-se, a dar-lhe a resposta, mas a cabeça foge, está já noutra sítio, talvez no colo da mãe, nove vezes seis... e os meninos cochicham e a cabeça sempre a fugir, todos à espera da sua resposta, nove vezes seis... Uma lágrima a querer saltar, foge cabeça, foge para a lua que o corpo não pode, e todos à espera... cinquenta e dois, balbucia e os meninos rebentam numa gargalhada e parece-lhe ouvir num sussurro burra, burra. Não sou eu que sou burra, é a cabeça que está na lua, num sítio muito melhor, onde não há tabuada nem meninos maus.

Para Alice o dia só começava verdadeiramente quando chegava a casa, às vezes já rente à noitinha, depois de fazer o longo caminho que a

separava da escola, por carreiros de gente e animais. Às vezes distraía-se no percurso. Parava para apanhar um caracol e vê-lo encolher-se dentro da sua casca e ficava a pensar como seria bom se pudessemos fazer o mesmo e ficar assim, a cabeça na lua e o corpo numa casca de caracol, protegido da vida. Esperava muito quieta que o caracol voltasse a pôr os corninhos de fora, como quem espreita, e depois seguia o seu caminho de regresso a casa.

- M'nina, és tu? – dizia-lhe a irmã numa espécie de cumprimento quando a ouvia entrar, enquanto amassava a broa, descascava batatas ou varria o chão. – Como correu a escola?

Alice engolia o desânimo e respondia-lhe um “bem” de fugida enquanto arrumava os cadernos e a bolsa do lanche. A irmã lançava-lhe um olhar desconfiado.

- De certeza? E o que aprendeste hoje?

- Humm, a tabuada dos nove...

- Outra vez? Não aprenderam já a tabuada toda?

- Pois... – Vá cabeça, pensa depressa qualquer coisa para dizer, qualquer coisa que não seja tabuadas ou escola. – E os manos, onde estão?

- Os manos foram à lenha. E tu tens de ir à fonte.

- Eu? Mas mana...

- Nem mas nem meio mas! Vai e vai depressa antes que fique de noite.

- Mas mana... os cântaros são tão pesados. E eu tenho medo... – medo de partir os cântaros, queria acrescentar, que sem cântaros não havia água, sem água não havia comida, nem banhos, nem maneira de matar a sede.

- Vá, Alice, já és grandinha, tens idade para ir à fonte sem medo. Ainda por cima é tão pertinho daqui... além disso tens de começar a ajudar cá em casa. Já sabes que eu e os manos trabalhamos muito e chegamos a casa cansados.

E lá ia Alice com um cântaro em cada mão, um bocadinho contrariada, um bocadinho a medo, mas sabendo que a irmã tinha razão, e que, mesmo sendo a menina da casa, estava na altura de assumir tarefas de pequena mulherzinha, que já era. Mas ia só com o corpo. A cabeça, essa, ninguém a podia obrigar a ficar presa aos cântaros que carregava. E viajava para a lua e para outros sítios, para um mundo onde não havia cântaros, onde a água corria dentro das casas das pessoas sempre que estas quisessem e não era preciso carregá-la na cabeça. Mas o mundo que lhe calhara em destino não era esse. E, por isso, voltava devagar, um cântaro em cada mão, a pisar com cuidado o chão irregular, não fosse tropeçar numa pedra e ficar sem água, sem cântaros, com uma mazela nos joelhos e, quem sabe, com uma palmada assente no rabo, que a irmã nunca lhe batera, mas podia. Alice concedia-lhe esse direito, porque quem põe o pão na mesa também pode

bater. E a mãe, coitada, prisioneira das ameaças do homem cruel com quem vivia, não estava lá, não podia estar para cuidar dos filhos, para lhes dar pão e amor, e até palmadas se fosse preciso. Embora no mundo de Alice, aquele para onde a cabeça fugia, os pais não pudessem bater nos filhos, nem os homens nas mulheres porque o amor não pode nunca confundir-se com medo. O medo é só para as coisas más e, na cabeça de Alice, o amor é bom, é a melhor coisa que pode existir.

- M'nina, és tu? Traz cá a água para eu cozer as batatas.

- Batatas outra vez? – reclamava, enquanto torcia o nariz. Não lhe parecia que pudesse existir comida mais desinteressante do que batatas cozidas. A não ser, talvez, nabo cozido.

- Com couves. E sardinha. – respondia a irmã enquanto enchia com água na panela e a punha na lareira acabada de acender.

- E não posso comer só a sardinha com broa? – Alice já sabia a resposta, mas nada a impedia de tentar.

- Claro que não! És muito fidalga, m'nina. – Respondia-lhe a irmã com um sorriso.

No mundo de Alice não haveria, definitivamente, batatas cozidas. Só para quem gostasse mesmo muito, como o mano José. As pessoas poderiam comer o que quisessem e coisas diferentes todos os dias. As despensas teriam mais prateleiras do que as que havia na loja da Dona Maria, onde faziam as compras da semana, e estariam sempre cheias, para que nunca houvesse fome. Mas o mundo que lhe calhara não era assim. Nesse, tinha de comer o que havia e não o que gostava, ou então não comer nada. No mundo em que vivia tinha muitas vezes de comer pão e broa quando os outros comiam bolo e aprender que a vida é assim, para uns pão e broa e para outros bolo, mas que no fim de engolir, pão e bolo são iguais.

- Buh! – Gritava-lhe o irmão que, sorrateiro, se tinha escondido para lhe pregar um susto.

- Ai mano, que me matas do coração! – E corria atrás dele para lhe dar um murro, enquanto a irmã gritava.

- Quietos, meninos, que ainda deitam a casa a baixo! Vão mas é tratar da criação, que eu ainda não tive tempo! – corria atrás deles também, com o pano da cozinha na mão, a enxotá-los para fora de casa. – Vão, vão, que o jantar está quase pronto.

E os mais novos iam. Alice tratava dos coelhos e o irmão das galinhas, deitando verduras nos currais enquanto a noite não cerrava. Alice aproveitava sempre para agarrar um dos coelhos, um pequenino, todo branco, com um narizinho cor de rosa, e fazer-lhe festas. Quando tinha

tempo, brincava com ele como se fosse uma boneca. Fingia que era seu filho e embalava-o, afagando-lhe a cabeça. Ou então soltava-o simplesmente pelo chão e ficava a observá-lo a dar pequenos saltos, com o rabinho no ar. Tentava não pensar na sorte que teria, igual à dos outros coelhos, de crescer para vir a ser o almoço de um domingo qualquer. Às vezes tinha vontade de o soltar no campo, mas sabia que isso dificilmente lhe mudaria o destino de vir a ser refeição de alguém ou de algum animal. E não o podia levar para o seu mundo, um mundo onde os animais não servissem apenas de alimento, ou de guarda, ou de personagens das histórias para nos mostrar que há muitos perigos. Um mundo onde os animais pudessem ser amados como as pessoas e onde uma criança pudesse ter um coelho branco sem saber que um dia ele lhe seria servido com batatas.

- Venham que o jantar está na mesa! – Chamava a irmã, da porta de casa.

Acomodava o coelho junto aos outros e lá iam os dois, numa corrida, a ver quem ganhava, ele à frente, ela atrás, ela a prendê-lo, ele a resistir, os dois a rir, ele a puxá-la com o corpo e o corpo dela a ser arrastado atrás do dele.

- Larga-me, batoteira! – e riam, numa gargalhada. Ela largava-o e fazia-lhe cócegas, ele encolhia-se e ela ultrapassava-o e agora era ele que a agarrava e entravam os dois em casa ao mesmo tempo, quase num trambolhão, a rir.

- Lá estão vocês outra vez! Vá, vão lavar as mãos.

Ainda a rir, lavavam as mãos na mesma água e ele lançava-lhe salpicos para a cara.

- Gostas, batoteira?

Ela limpava a cara, atirava-lhe a toalha à cabeça e corria para o seu lugar à mesa, onde se sentava com um ar angelical, seguida do irmão, os dois muito compostos, a rirem em surdina. Os mais velhos, já sentados, resmungavam com a agitação, mas em breve todos ficam em silêncio, com o prato cheio à sua frente, prontos a comer.

- Olha, mano, tens um relógio! Quem te deu? – explode Alice, num entusiasmo.

Adorava relógios. Lembrava-se de lhe contarem que o pai tinha um, todo em ouro, com uma corrente e uma tampa que se abria com um clique. Gostava de ter visto, mas era muito pequena quando o tiveram de vender, depois da morte do pai. Mas aquele do irmão era bem giro!

- Ninguém me deu. Comprei-o eu com o meu salário. Dá jeito para sabermos as horas cá em casa e para eu não me atrasar quando tenho de apanhar a carreira.

- É tão lindo... deixas-me ver?

- Mas não estragues, Alice, que foi caro.

Alice segurou o relógio com cuidado. Ficou a ver os ponteiros mexerem-

se, um mais depressa e os outros parados, e depois um deles avança um bocadinho, mas só um bocadinho, enquanto o outro continua desenfreado a fazer círculos. Interrogou-se como se pode contar o tempo assim, com três ponteiros a girar, se o tempo não é todo igual. As aulas duram sempre tanto tempo e os serões passam tão depressa, o verão tem dias tão grandes e o inverno dias tão pequenos. E quando estamos a dormir, será que o tempo passa na mesma? Poderá o tempo ser como um bolo ou uma broa, que se corta em fatias? Se assim for, viver será como comer uma fatia de cada vez sem saber nunca quando o nosso bolo (ou broa) irá acabar. Mas então, se o bolo for a nossa vida, não haverá maneira de engolir muitas fatias de uma vez para se chegar mais depressa ao futuro?

Devolveu o relógio ao irmão.

- É mesmo bonito.

- Talvez um dia ganhes um - a irmã piscava-lhe o olho. – quando acabares a escola, se passares nos exames com boas notas.

- A sério? – Alice ficou alegre, mas depois lembrou-se da tabuada dos nove e entristeceu. – Não pode ser para os meus anos?

- Não. Tens de fazer para o merecer. Mas se tiveres boa nota, cada um dá um dinheirinho e compramos-te um relógio. – olhou à volta a procurar o assentimento dos irmãos. Todos anuíram.

Alice, feliz e triste pela possibilidade de receber o que queria, mas sem saber se conseguiria o que lhe exigiam, decidiu que até ter um relógio iria vivendo o tempo ao seu ritmo, cortando-lhe as fatias à medida da felicidade de cada momento.

Depois de comer, todos ajudam na arrumação da cozinha. Conversam um bocado à lareira, Alice sentada no banco com a cabeça no colo da irmã, os irmãos a contarem coisas do país que tinham ouvido na rádio, sobre a guerra e o medo, sobre aqueles que já tinham ido para a guerra e sobre aqueles que tinham sido presos por dizerem o que tinham na cabeça.

Em relação ao medo que a guerra chegasse a eles, ninguém falou, não fosse atrair-se coisa má por falar nela. E enquanto falavam, lá ia Alice, o corpo preso no banco à frente da lareira, mas a cabeça num mundo onde não havia guerra e todos podiam falar sobre todas as coisas sem que ninguém fosse perseguido por aquilo que tinha na cabeça. Pelo sim, pelo não, o que se passava na sua cabeça ela nunca contaria, não fosse ser crime imaginar um mundo assim, como ela imaginava, ainda que fosse o mundo da lua.

Quando iam para a cama, Alice ficava muitas vezes a olhar para o céu que via da sua janela até adormecer. Às vezes estava escuro como o breu, sem lua nem estrelas, e a alma de Alice ficava também assim, como que sem luz, sem esperança de dias melhores onde não houvesse nem guerra, nem

fome, nem falta de liberdade. Mas outras vezes a lua espreitava por entre as nuvens, ainda que por vezes parecesse apenas um gomo pequenino, e ela achava que talvez essa lua crescente fosse o seu mundo a crescer noutro sítio, a preparar todas as coisas boas que ela imaginava. E depois a lua ficava grande, e Alice achava que talvez ela brilhasse só para si, para lhe dizer que o mundo para onde ela fugia tanta vez um dia seria assim, inteiro e cheio de luz. Mas depois a lua encolhia e voltava a desaparecer. E Alice ficava triste de novo.

Talvez a lua não gostasse de ser tomada como garantida, como o resto das coisas da vida. Talvez a lua lhe quisesse dizer que temos de estar preparados para ter e para não ter, para ter mais e ter menos, para ter tudo e, logo de seguida, nada. Que esse é o ciclo da vida e estamos nele sempre num ponto qualquer, em trânsito para o seguinte.

- Dona Alice, está outra vez com a cabeça na lua! – dizia-lhe a jovem que a atendia todos os dias na padaria onde ia comprar pão.

- Ai, desculpe! Era um pão de centeio pequeno e uma broa.

Pagou e saiu. Cá fora olhou em volta. Estava tudo tão diferente. Era a mesma aldeia, mas parecia outro mundo. As casas eram grandes e novas, a estrada alcatroada e as pessoas com as quais brincara descalça passavam agora em carros de último modelo. Já não havia fome, nem guerra, nem falta de liberdade. Passou pelo café onde antes havia sido a venda da aldeia. Os homens, na esplanada, discutiam futebol e o estado do mundo. Grupos de adolescentes regressavam da escola, entre conversas e consultas de telemóvel. Abriu o portão da casa. A gata, que dormitava no muro, espreguiçou-se e seguiu a dona, na esperança de uma festa.

Era um daqueles fins de tarde de verão em que lua e sol coabitavam no céu. Alice olhou para tudo mais uma vez antes de entrar em casa. Este era o mundo a que estava presa. A sua fatia de tempo. Mas a cabeça, essa, ninguém a prendia a sítio nenhum. E por isso vivia muitas vezes no mundo da lua. A lua que avistava do seu quarto de menina e onde se perdia agora tanta vez. Um mundo que, mesmo sem água, sem luz, sem comida nem liberdade lhe parecia agora ter tudo, o que agora queria. Um mundo onde viviam as pessoas que amava. E há amores, sabia agora, que bastam para encher a lua.

ISTO FORAM UMAS POUCAS DE VIDAS

Manuel Leiria

(Jornalista do Região de Leiria)

A manhã estava fria, mas Alice recebe-nos calorosamente. Veste uma camisola cor-de-rosa tão viva quanto o seu sorriso. Abre-nos a porta da casa que construiu e que é monumento à sua combatividade. A sala onde falamos é ampla e está imaculadamente limpa e arrumada. Olhar pela janela é vislumbrar a memória sofrida de Alice, uma paisagem onde envelhece a casa da avó e onde mora o lugar de outra, já demolida. Lá cresceu sozinha com os irmãos. A conversa dura uma hora. Raramente se emudece: a felicidade presente convive bem com agruras do passado. Uma “Última Ceia” vigia-nos por cima da porta da cozinha. Em vez de vinho e pão, acaba a entrevista a repartir bolinhos e café quente.

Estamos na sua casa, em A-dos-Pretos. Foi aqui que cresceu?

A casa já foi demolida. Esta [aponta pela janela] é a da minha avó. A nossa era aqui atrás, que calhou à minha irmã, e já foi demolida. Mas cresci aqui e tudo o que vivi na infância foi aqui.

Como sente este lugar?

Não gosto muito, muito do lugar, porque estive uns anos sem estar cá. Mas pronto, é o meu lugar, a minha aldeia e temos sempre recordações. Agora estou a recordar ainda mais [risos]. Estive uns anos fora e agora ando a encontrar as pessoas que conhecia de antigamente, que andaram comigo na escola...

E que tal esse reencontro?

Feliz, porque foi aqui a minha juventude, íamos aos bailaricos todos juntos. Falamos de coisas do passado, da escola, coisas que às vezes nem me lembro. Temos um grupo em que saímos todos juntos. Às vezes penso: olha, no fim de velha, é que andamos nisto [risos].

Como é o seu dia-a-dia?

Comecei agora a receber a pensão...

Que idade tem?

Qual é a que me dá? [risos] Fiz 67 agora em maio. Agora tenho mais tempo, sou mais livre.

O que faz?

Levanto-me, trato do jardinzinho aqui atrás, tenho cães, gatos, galinhas poucas, trato dos animaizinhos todos. Nunca como à hora certa, só quando dá a fome. De inverno faço mais tricô e “costurita”.

E vida social? O que faz com esses amigos que reencontrou?

Às vezes parvoíces, também [risos]. Falamos das nossas coisas de antigamente, às vezes vamos até à Nazaré, damos uns passeiozinhos, mas não muito, porque ninguém é rico. Há uns dias um amigo desafiou-me para ir apanhar azeitona e fui. Gostei, fui bem tratada! Fora isso, vamos aqui à sede, beber a bica, e depois cada qual vai a sua casa.

Está feliz?

Sim, sou acarinhada pelos amigos. Sinto-me mais feliz agora do que quando fiquei desempregada. Trabalhei para a minha irmã, mas ela fechou o restaurante. Fui para o Centro de Emprego e daí para a Escola da Maceira. Mas como não estava no quadro, aconteceu-me uma coisa: um dia chamam-me e dizem-me: “Amanhã não vem trabalhar, não temos verba para lhe pagar”. Despedi-me das amigas e disse que não vinha mais. Foi há oito anos. O diretor disse que não se despedia de mim, que era um “até amanhã”, que iam tentar que voltasse. Ligaram-me, mas era para trabalhar a recibo verde, a 2,5 euros à hora. O que é que isso me dava? Valha-me Deus.

Foi o seu último emprego?

Sim. Depois disseram-me que tinha direito a receber o subsídio do Centro de Emprego. Mas precisava do papel do despedimento. Na escola disseram-me que não sabiam preencher o papel! Tenho uma sobrinha, que é gestora de empresas, que foi lá e lá preencheram. Fiquei a receber do Centro de Emprego. Depois acabou esse e fiquei a receber outro subsídio que era menos, mas esse também terminou.

Como ficou?

Eu chorava. A minha irmã percebeu e disse-me: “Tu, enquanto nós formos vivos, não morres de fome”. Mas não era só o comer que eu precisava. E assim foi, eles é que me ajudaram muito. Depois comecei a receber o RSI [Rendimento Social de Inserção]. Começaram a dar-me 198 euros, que não era muito, mas dava para qualquer coisa. Foram cortando, cortando, até 150. Até ficar agora com a pensão. Mas até agora tive de viver com 150 euros.

Como se vive com 150 euros?

Mal, muito mal. A minha irmã, quando nos íamos aviar [ao supermercado] é que punha coisas no carro e depois pagava ela. O que me vale é que não tenho nem casa para pagar nem outras despesas. Só água e luz.

E paga IMI [Imposto Municipal sobre Imóveis]?

Pago! Houve um ano que teve de ser o meu cunhado a pagar.

Voltemos atrás: qual é a primeira memória de criança que tem?

Foi uma brincadeira com o meu irmão Tino. Íamos para casa de uma tia, que era costureira. Havia umas passadeiras no chão e fazíamos casinhas. Devia ter uns cinco anitos.

Teve uma infância difícil mas afetuosa, com os seus irmãos.

Sempre. Talvez porque ficássemos sem pai muito novos, fomos sempre muito amigos. A minha mãe enviuvou tinha 32 anos ou para aí. O meu pai era muito novo, mas a doença levou-o. A minha mãe, daí a dois anitos, arranjou um senhor, aqui da terra. O pai da minha mãe não gostou mas ela era nova e casou com ele. Ele nunca nos aceitou. Ficámos na casa, que era ali - estão lá patos, porque foi tudo demolido. Ela julgava que ia fazer bem, que ele a ajudava a criar os filhos. Mas foi ao contrário: alugou uma casa e levou-a para lá. Ela, se nos vinha ver, quando chegava a casa ele batia-lhe. E bateu-lhe sempre até ao fim! A minha mãe já faleceu, mas o meu padraço ainda é vivo. Não gosto dele, tenho de ser sincera. Nunca vivemos com ele. O meu irmão que foi para Angola ainda lá esteve na casa, nós não. Ficamos sozinhos aqui na casa e a minha irmã mais velha é que começou a tomar conta de nós, com ajudas da minha avó e da minha tia... Se ela não tem casado com este senhor, com as ajudas da família, orientávamo-nos e tínhamos uma vida melhor. Muitas vezes ela deixava-nos sozinhos e vínhamos para casa da minha avó.

O seu irmão foi viver com a sua mãe e o padraço?

Sim. Ele, depois de voltar de Angola, contou-nos isto: quando vivia lá, ele [o padraço] comprava o pão de manhã, comia ele e dava o resto ao cão para deixar o meu irmão sem comer. Ele, coitado, vinha fazer queixa à minha tia. A minha mãe, coitada, também não podia comprar comer para ele. Ele acabou por vir para casa da minha avó.

Conseguiu perdoar a sua mãe?

[Acena que sim].

Porquê?

É mãe. E os meus irmãos também [perdoaram].

Nunca reataram a relação com ela?

Mais tarde sim. Nós víamos que ela gostava de nós. Quando o meu irmão casou, ele não a queria convidar para o casamento. Os meus tios disseram: “Fazes mal”. Eu fui lá e ela, coitadinha, veio toda satisfeita. Ela vinha a casa da minha tia, recebia-a bem, mas este senhor era sempre... aquele senhor. Mas perdóamos. Ela depois fez outra casa e eu ia lá. Mas se ele estava, eu não entrava.

Ainda o evita hoje?

Ele, se passar por nós, fala-nos; nós é que não lhe damos confiança. Ele não foi bom para a minha mãe!

A vossa história é uma história de abandono.

Foi um abandono. Quando começava a escrever [o relato na primeira pessoa publicado neste livro] pensava: “Estou a falar contra a minha mãe...” e as lágrimas começavam a vir-me aos olhos. É a minha mãe. Mas ela abandonou-nos. A malta aqui dizia: “Ela abandonou os filhos!”. E éramos todos pequenos! Eu tinha 2, 3 anitos, se tanto! Ela deixou uma menina com essa idade ao encargo dos outros filhos! Foi um caso muito falado aqui.

Houve quem vos ajudasse mas também quem vos tivesse discriminado. Porquê?

Porque... não tínhamos pai, praticamente mãe também não. Vivíamos sozinhos, mas éramos educados! Lá isso éramos. Fomos sempre à escola, à catequese, éramos católicos - mais do que sou hoje, a vida muda [sorri].

Era por não terem posses?

Talvez. Até por uma tia e pelos meus primos fomos discriminados. Ela achava que devíamos andar a mando dela. Mas os meus irmãos mais velhos é que trabalharam para os mais novos comerem e não precisávamos de andar a mando dela. Eu tive um irmão que nunca gostou de ser mandado.

Amadureceram muito cedo?

Muito cedo. Pouco tempo tinham para brincar, os meus irmãos. Iam buscar água à fonte porque não havia água canalizada para fazer a comida, era preciso ir buscar lenha para o lume...

Comparando esses tempos com hoje, parece outro mundo.

Foi uma mudança muito grande, aqui não havia nada, nem estradas! A mudança foi para melhor, mas a minha juventude foi boa, com 17, 18 anos. Éramos todos amigos, não se ofendiam uns aos outros, como acontece hoje. Foi uma juventude bonita. Quando fui para França, chorava lá, porque deixei cá os amigos. Mas também gostei de lá estar. Isto foram umas poucas de vidas.

Trabalhou em quê?

O meu primeiro trabalho foi em teares. Comecei com 16 anos. Fazia tapetes, passadeiras e mantinhas, para piqueniques. Estão ali na casa velha da minha avó, mas estão todos partidos. Os meus tios queriam que eu fosse estudar, mas a minha ideia não era essa; quis trabalhar. Deram-me uns teares. Até ir para França eram o meu ganho. Lá, fui ter com a minha irmã e trabalhei como “femme de ménage”, mulher-a-dias. Depois, fui tomar conta de crianças, quatro meninas, para outra casa. Estive lá até me vir embora. E ganhava bem!

Tinha outra qualidade de vida?

Ganhei para esta casa! Aqui eram os currais do gado da minha avó e pedi aos meus irmãos se me deixavam fazer a casa e deixaram.

É uma grande casa...

Não é grande, mas para mim chega.

Gostou de construir a própria casa?

Um dia voltei do trabalho e as minhas sobrinhas estavam a fazer os trabalhos da escola. Pedi-lhes uma folha e comecei a desenhar uma casa. Viro-me para a minha irmã e digo: “Vês aqui a minha casa!”. Não estava nada mal, creio que ficou para lá o desenho da casa... Quando chegou o meu cunhado disse-me: “Mostra lá se isso está bem desenhado”. Ele viu e disse: “Começa já a fazer a casa, mulher!”. Telefonei para cá, a ver se me davam o terreno e assim foi.

Foi construída enquanto ainda estava em França?

Sim, quando vim para cá já tinha casa. O meu irmão, que era empreiteiro, é que orientou tudo.

Qual foi a sensação de ter uma casa sua?

Fiquei feliz, porque tinha o meu cantinho, tenho a minha privacidade, faço o que quero. Sou livre!

Depois de vir de França, o que fez?

Fui trabalhar para o restaurante da minha irmã, que era ali na Cerca. Agora está fechado. Servia à mesa, servia cafés. Gostei desse trabalho, convivia-se com pessoas. Isso fez-me desligar daqui [de A-dos-Pretos], porque dormia lá. Quando ficava aqui, uma das minhas sobrinhas vinha comigo, porque tinha medo de estar sozinha. Hoje não tenho.

E depois do restaurante?

Fui para o fundo de desemprego e depois fui chamada para a escola. E depois fiquei novamente no desemprego.

O que gostava de ter feito, se tivesse estudado, por exemplo?

Gostava de ser educadora de infância. Gosto de crianças.

Mas nunca teve filhos...

[risos] Sei lá, nunca pensei nisso. Talvez fosse o meu bem, talvez fosse o meu mal. Não estou arrependida, tenho os meus sobrinhos e agora também tenho os pequeninos.

Como arranjou força para ultrapassar as dificuldades?

Nos meus irmãos, na minha professora, que também foi uma grande ajuda. Houve momentos muito difíceis, que chorava, não queria ir [à escola], não me sentia bem. Depois da morte da minha irmã, não gostava que me perguntassem porque é que ela faleceu. Ela esteve oito anos no hospital na Guarda, e escrevíamos uma à outra. Ela dava-me força, para que seguisse a escola. Quando ela morreu, sentia-me triste, inferior às outras. Era muito pequena, uns 9 anitos, foi um momento muito difícil. Via os meus irmãos também a chorar...

Foi a união que vos deu forças?

Foi. Lembro-me de vir a minha tia e dar-nos força e dizer que estava ali para nos ajudar. A minha avó também ajudava, mas tinha mais netos. Às vezes estava a brincar com botões, enquanto a minha tia estava a costurar,

e punha três botões e dizia: “Esta é a minha mãe”, que era a minha irmã mais velha, depois era “a mãe-tia” e “a mãe-mãe”. Tinha três mães. A primeira era a minha irmã, sempre, e a segunda era a tia.

Arrepende-se de alguma coisa que tenha feito na vida?

Arrependo: de ter vindo de França para cá. Fiz mal. A minha irmã veio para cá, abriram o restaurante, mas ela estava tão habituada a mim... telefonava para lá todos os dias a chorar - ela trouxe duas filhas para cá e os outros dois ficaram comigo. Eu dizia-lhe que estava a ganhar bem lá - estava a ganhar 250 contos, fora a roupa que passava a ferro ao domingo para ganhar para as minhas coisas! Um dia telefona-me a minha cunhada a dizer que eu tenho mesmo de regressar, que a minha irmã tinha dito que se eu não regressasse, um dia se ia matar. A minha irmã diz que é mentira que tenha dito isso. Mas ela começou a pedir-me para voltar. E vim.

Recomeçou outra vida aqui.

Foi o meu mal. A vida lá era melhor. Foi um grande erro que fiz.

Do que é que se orgulha mais de ter feito?

A pessoa que sou. Nunca ofendi ninguém, dou-me bem com toda a gente. Também tenho os meus erros, mas respeito as pessoas e sinto-me bem comigo própria. Sinto-me orgulhosa por isso.

O que é para si um dia bom?

Um dia em que ajude os outros. Sinto-me feliz. Ainda agora fui ajudar a apanhar azeitona [risos]!

Beatriz



© BRUNO GASPAR

DE BEM COM A VIDA

Beatriz Passão

Hoje falava com um amigo quando ele me disse:
- Fui ao banco depositar um cheque e pediram-me o cartão do cidadão. Mas quando abri a carteira vi que não o tinha. O senhor no balcão disse que sem um documento de identificação não poderia depositar o cheque.

- A sério? -, respondi eu. - É que há uns anos eu também fiquei sem documentos!

O meu amigo disse-me, com alguma admiração:

- Mas como conseguias fazer? E como aconteceu isso?

Relatei-lhe então uma das piores fases da minha vida. Estávamos numa esplanada, perto do rio. O sol estava forte, havia pessoas sempre a passar. O presente parecia-me bom, não me importei de voltar durante algum tempo a um passado mau.

- Aconteceu há alguns anos, quando fui viver para perto de um familiar, na zona de Braga.

- Tu viveste no Minho? Não sabia.

- Sim, vivi. Ainda foi no tempo do Bilhete de identidade, que na altura estava a caducar. Decidi que depois de mudar, actualizava tudo.

- Começaste logo a adiar. É uma asneira começarmos a adiar, as coisas embrulham-se e depois ficamos atrapalhados. Eu que o diga.

- No primeiro mês, como ainda tinha validade no BI, comecei a trabalhar. Mas quando estava no Minho para aí há três semanas, tive um acidente de viação. Não me magoei mas o carro foi para perda total, tive que o vender a um sucateiro.

- Tiveste sorte, então. Mas tu, que eras distribuidora, andavas sempre na estrada. E nunca te conheci como má condutora.

- Amigo, parece que aquilo foi o começo de um pesadelo. Nada fácil. Mas vou contar como foi.

O Sol batia-nos nas pernas, a cabeça estava à sombra. Era uma altura da vida que não gostava muito de recordar mas pensei que seria bom dividir

todo aquele pesadelo, partilhá-lo com uma pessoa em quem confiava que já conhecia há muitos anos.

- Não penses que foi fácil! Mas continuando ainda com o Bilhete de Identidade, consegui comprar um carro mais antigo, que me dava para me desenrascar e ir trabalhar, fui fazendo a minha vida.

- Que me lembre, sempre tiveste carro.

- Verdade, sempre. E por isso mesmo, sempre fui conseguindo viver, trabalhar e ser independente. Nessa mesma semana resolvi tratar dos documentos, como tinha tido o acidente aproveitava para pôr a morada correta nos documentos do carro, sabes que eu sempre gostei de ter tudo em dia. Mas como disseste, quando as coisas se embrulham depois fica tudo uma trapalhada. Levantei-me e fui tratar do Bilhete de Identidade, preenchi a papelada. Ainda não tinha caducado mas a morada estava desactualizada, e como faltava pouco tempo para perder a validade, aproveitei.

- Mas disseram-te logo algo sobre o documento?

- Amigo, não. Recortaram as duas fotos, assinei e vim para casa, pois nessa altura já era como agora, se pagasse a taxa de urgência era mais rápido. E fiquei à espera! Uns dias depois recebi um postal do Registo Civil daqueles com barra vermelha.

- A sério?

- Verdade. Fui logo lá, cheguei ao balcão e mostrei o postal a uma senhora, que revelou alguma arrogância e falou comigo como se fosse uma criminosa. Senti-me tão mal, sabes? Tive uma vergonha enorme.

- Pois, imagino.

- Não, não imaginas. Foi mesmo horrível, a sala estava cheia e todos olhavam com desprezo. Fiquei assustada e preocupada.

- Mas que te disseram?

- Que tinha um processo em Tribunal. Como não me encontraram, era procurada.

- Pois, lembro-me que tinhas a morada da casa dos teus pais.

- Verdade, mas não esperava nada daquilo.

- Acredito. Já tinhas passado por situações tão difíceis. E quando tudo estava encaminhado e a vida finalmente estável, é que aparece uma situação dessas?

- Fui para casa desorientada e preocupada, não queria preocupar o meu filho. Mas acredita que nessa altura nem imaginava o inferno que me esperava!

- A sério?

- Verdade, mas depois falamos. Só te digo que vivi bem pior do que qualquer pessoa que estava numa prisão, tinha que viver sem documentos, sem trabalho, sem conseguir alugar um quarto. Mas depois falamos.

- Sim, gostaria de poder compreender como conseguiste.

- Ok, até breve.

Depois de várias semanas sem BI ou qualquer outro tipo de identificação, impossibilitada de trabalhar ou de conseguir arranjar um quarto, tinha o apoio da Cruz Vermelha para me dar refeições e da Cáritas no auxílio para os medicamentos. Não conseguia sequer comprar um pão, beber um café, fazer coisas banais que apenas valorizamos quando perdemos. Nessa altura começamos a dar valor e pensamos como ter saúde e trabalho é uma coisa muito boa.

A situação em que me encontrava era bastante difícil mas o pior eram os preconceitos que sentia, ser olhada como marginal. Parecia que tinha matado ou roubado alguma coisa a alguém, sentia-me muito desconfortável. Em cada vez que ir à farmácia ou a consultas, na parte onde dizia que estava sem documentos, indicava o meu nome mas tinha que dar a informação que estava em Contumaz. Diziam-me que sem documentos não podiam preencher a ficha, tinha que explicar e tentar que me entendessem; mas via que me tratavam muito mal, sem respeito. Sentia-me triste, sempre fora uma pessoa que gostava de ajudar e compreender, mas passei a ser eu que precisava de compreensão e de menos julgamentos sem propósitos. Foi aí que percebi como as pessoas funcionam: ou se está dentro dos padrões da nossa Sociedade ou entramos em exclusão social, que era onde eu estava. Sempre tive amigos/as mas nunca precisei; mas quando estava a precisar, todos se afastaram educadamente. Não tinham tempo. Apenas quem estava como eu, em situação de exclusão, os arrumadores de carros e pessoal que andava comigo no CRI me acompanharam.

Sabia que as pessoas que me viam na rua a falar com os arrumadores pensavam o mesmo de mim mas nunca consegui fazer como eles. Até estava numa situação semelhante mas não tinha coragem de fazer o mesmo, apesar de ser uma forma de ganhar dinheiro para beber um café ou até comprar um maço de tabaco. Quem me compreendia ia dando alguns cigarros para fumar enquanto lhes fazia companhia, pois passava o dia sem ter nada para fazer, o que era estranho. Mas tentava estar na conversa, pois assim pelo menos não me sentia tão só. O meu filho trabalhava e estudava à noite, também me sentia envergonhada da situação em que estava a viver, a comida não era muita e não tinha casa mas apenas um quarto, pago por uma associação. Tinha cozinha onde poderia cozinhar mas não havia dinheiro para comprar o indispensável, por exemplo o leite que tinha era em pó, fornecido pela Cáritas; até para um simples pão era preciso dinheiro. Até essa altura nunca tinha olhado verdadeiramente para quem estava a arrumar carros ou até mesmo a pedir, respondia a essas pessoas que fossem trabalhar pois eu também trabalhava. Mas comeci a

dar valor, a achar que algumas dessas pessoas também estariam como eu, impossibilitadas de trabalhar.

Depois de estar sem documentos, perdi o meu apartamento. Estava sem BI, aliás sem documento algum, sentia que não era nada nem ninguém. Foi difícil. Apesar de ter tido uma vida com várias fases, algumas péssimas, nem nos momentos das dependências tinha tido problemas assim tão graves. Estava numa zona do país onde conhecia poucas pessoas, ninguém sabia de onde vinha nem para onde ia. A minha cabeça estava mal, não podia trabalhar nem tão pouco conduzir. Que faria eu? Nem sequer sabia para onde ir. E como dizer ao meu filho que estava naquela situação?

Por volta de 2004/5 fui viver para perto de Braga, estava talvez a dezasseis quilómetros. Para recomeçar. O meu filho foi trabalhar de dia e estudava à noite, tinha lá família; aluguei um apartamento, consegui arranjar trabalho, estava no programa de metadona, todos os dias pela manhã tinha que fazer a toma da metadona no CRI de Braga. Estava feliz, quase a sair do tratamento de metadona, estava limpa. O meu filho acabava o 12º ano e trabalhava pela primeira vez. O meu trabalho era a fazer limpezas em condomínios. Saía um pouco antes da uma, ia a Braga e vinha almoçar. Depois de já estar a trabalhar há algumas semanas, o patrão pediu-me os documentos e disse que a firma fazia os pagamentos por cheque. Só me faltava o BI, tinha o contribuinte e o número de Segurança Social. Até que um dia, quando vinha de volta do CRI e chovia, numa curva despistei-me; depois de várias voltas (peões), bati no separador central da estrada. Tinha saído do trabalho directamente para Braga e não levava documentos, só a bata de trabalho e as chaves dos prédios. O carro ficou todo destruído do lado do pendura, as pessoas que passavam paravam para perguntarem se precisava de ajuda, respondia que já tinha telefonado a um amigo!

Fiquei preocupada com a situação, não tinha batido em nenhum carro mas era fácil perceber que o que tinha acontecido tinha sido causado por excesso de velocidade. Tinha dores provocadas pelo cinto de segurança e estava bastante nervosa, sabia que para trabalhar precisava do automóvel. Algumas pessoas que passavam pararam para ver se precisava de ajuda. Depois chegou a Brigada de Trânsito; pediram-me os documentos, expliquei que me tinha esquecido da carteira em casa; passaram-me um papel para apresentar os documentos no prazo de oito dias. Comecei a ver tudo negro, parecia que o mundo tinha desabado em cima dos meus ombros. O reboque chegou mas não tinha onde colocar o automóvel, quase não conhecia ninguém. Deram-me a ideia de o colocar no parque que tinham mas teria que pagar ao dia; como estava todo destruído, também sugeriram que o poderia vender para peças, descontavam o tempo que o

carro estivesse lá e davam-me o restante. Concordei, naquele momento nada mais poderia fazer. Foi uma sensação de perda enorme, nunca me tinha visto em tal situação. Estava preocupada pois sem os documentos, não poderia cumprir o prazo de oito dias.

Fui ao Registo Civil tratar do BI e também fui de táxi a Braga para ver se conseguia trazer a metadona, tentando só lá ir uma vez por semana. O meu médico foi impecável, concordou comigo mas mandou fazer análises para confirmar que estava limpa; fiquei um pouco mais descansada. Depois fui ao escritório da firma onde trabalhava para tentar que me emprestassem uma viatura para as deslocações entre condomínios e para transportar o material de limpeza. Infelizmente, pediram-me os dados, incluindo fotocópia do BI. E explicaram que se tinham esquecido de me dizer que o pagamento era feito por cheque.

Isso era tudo o que não queria ouvir, nada corria como queria e sentia que nunca em toda a minha vida tivera tanto problema junto. Entreguei o papel que me tinham dado no Registo Civil para substituição do BI. Mas não tive direito a viatura, até porque ainda estava à experiência. Fui para casa arrasada.

Quando o meu filho chegou do trabalho, para tomar duche e comer e antes de ir para a escola, viu-me triste e arrasada. Disse-me para ter calma e que tudo se resolvia. Nessa altura pensava que tinha andado tantos anos em situações de limite mas que nunca tinha passado por tanto problema acumulado.

Entretanto o senhor do reboque ligou para fazermos contas e para me dar a diferença do dinheiro, pois já tinha encontrado alguém que queria ficar com o que restava do meu carro. Senti uma horrível sensação de perda, lembro-me que até chorei, sempre fui muito pegada ao meu carro, algo de que gostava desde a infância, depois de fazer dezoito anos e ter tirado a carta de condução sempre tivera carro. Era a primeira vez que um carro meu iria para a sucata e para mim foi muito difícil retirar as coisas pessoais e assinar os papéis do abate, pois era um carro de que gostava e sabia que naquele momento não teria possibilidade de comprar outro. O valor que me deram apenas daria para comprar algo muito mais antigo e menos confortável. Ainda tentei ver carros em segunda mão mas com o dinheiro que tinha não iria conseguir nada.

Um dia, o meu filho perguntou-me quanto me faltava para comprar algum carro que tivesse visto. Tinha feito horas e emprestava-me o dinheiro em falta para poder comprar o carro. Nesse dia, senti-me mal, pensei: ao ponto a que cheguei. Emprestando-me o que me faltava e compreí um carro mais barato e menos recente, o que era possível no momento. Já daria para fazer as minhas coisas mas tinha de esperar pelo BI para o legalizar.

O papel que me deram no Registo Civil não servia para levantar

dinheiro, estava a ficar muito inquieta; todos os dias ia à caixa do correio para ver se chegava o postal para levantar o documento, queria começar a tratar de tudo e estava a ter vida muito confusa.

Mas um dia ao abrir a caixa do correio encontrei o postal do Registo Civil com uma barra vermelha igual aos postais do Tribunal. Não era para levantar o documento mas para comparecer no Registo Civil. Fiquei preocupada e nesse mesmo momento fui lá para saber o que se estava a passar, perguntar se faltava alguma coisa ou se a assinatura não estaria bem. Até pensei na foto, que não era muito recente. Quando cheguei, o serviço estava cheio e esperei num cantinho, com o postal na mão. Uma funcionária olhou na minha direcção e chamou-me; fiquei admirada com essa atitude, mas logo de seguida compreendi que afinal de contas não deve ser todos os dias em que aparece alguém com uma situação como a minha.

Logo quando disse “Bom dia”, reparei que me estava a tratar de forma bem diferente de quando lá tinha estado antes. Comunicou-me que o meu pedido de BI tinha sido indeferido! Fiquei perplexa, acho que até congelei. Senti como se tivesse feito algo de mal; perguntei porquê e ela foi muito ríspida, disse que eu deveria ter algum processo em Tribunal e com toda a certeza me tinham chamado para resolver a situação e eu não comparecera; por esse mesmo motivo, estava em Contumaz. Não sabia o que era isso mas pelo olhar das pessoas percebi que coisa boa é que não era. Perguntei o que tinha de fazer para resolver a situação; com muito mau feitio, disse que tinha que tentar descobrir através de um número que me deu. Tive que assinar uns papéis. E saí do serviço a chorar, sentei-me a fumar um cigarro na rua, ainda sentia os olhares de desprezo das pessoas, nunca sentira tanta vergonha. E o que tinha dito era a pura verdade, não fizera nada de mal e não sabia que tinha algo pendente em Tribunal. A única coisa que me vinha à mente era o acidente mas tinha sido recente; nunca tinha roubado nada; andara no mundo das dependências, talvez até num mundo menos bom, mas nunca tinha roubado nada. Depois lembrei-me: tinha a residência na casa dos meus pais. A minha mãe tinha falecido em 2002 e o meu pai talvez não tivesse feito caso de alguma correspondência. Fui a uma cabine telefónica e liguei para o meu pai; disse que não tinha visto carta nenhuma para mim.

Fui para casa completamente destroçada, em pouco mais de um mês a minha vida tinha ficado toda descontrolada, com tantas coisas por resolver que não sabia por onde começar. Se continuasse assim, não seria fácil. Pensava que ligando para Leiria poderia resolver a situação, afinal já tinha informado sobre a minha residência. Apenas queria resolver tudo rapidamente, apesar de tudo parecer estar contra mim.

Lembro-me do desespero e da angústia que sentia. Sempre que tinha algo em mente, conseguia concretizar; agora, estava sem conseguir ver

como poderia resolver a minha vida, sem carro. Se a situação continuasse assim, a minha família começaria a virar-me as costas, uma coisa que sempre soube desde que andara no mundo das drogas é que acabamos por ficar com o rótulo de drogados, até podemos estar fora e ser a pessoa mais certinha, mais trabalhadora, mas à nossa volta todos acabam por dizer que não acreditam. Nunca me importara com isso mas perante toda a situação que estava a viver tornava-se bem mais difícil conseguir que me ajudassem, pois o primeiro pensamento era que se estava sem BI e restantes documentos, coisa boa não teria feito. Claro que via que à minha volta ninguém confiava em mim, que a minha família tinha dúvidas. Não queria envolver o meu filho, mas a verdade é que me sentia muito só e bastante envergonhada. Mesmo com todos os problemas, sempre me conseguira desenrascar e resolver os problemas. Mas desta vez não estava a ver saída alguma. Tinha que entregar a casa, estava sem trabalho, o dinheiro que tinha no banco não podia ser movimentado, não podia trabalhar.

A única saída que estava a ver seria meter uns cobertores no carro e alguma roupa e sair para a cidade de Braga. O meu filho ficou com um familiar mas não sabia o que me iria acontecer, sem documentos nem poder conduzir. Só mesmo no CRI me poderiam ajudar, foi talvez a decisão mais difícil que alguma vez tive de tomar.

Tentei fazer-me de forte mas estava em pânico, sem saber o que me iria acontecer, sem saber que tipo de processo teria que enfrentar. Não me recordava de nada de grave mas claro que, como tinha andado vários anos envolvida no consumo de drogas, poderia ser muita coisa; poderia ter sido algo de que até nem me tivesse apercebido.

Um dia resolvi. Tinha mesmo que abandonar a minha casa. Era a primeira vez que eu me sentia excluída e envergonhada, completamente sem rumo. O medo era muito, pois tinha a sensação de que nunca vivera sem um tecto. Foi talvez o pior dia da minha vida mas sabia que quanto mais cedo me afastasse, melhor.

No final de Dezembro o frio era muito, a chuva também. Dormir no carro era um cenário que me estava a deixar triste, mas disse ao meu filho que em Braga, no CRI, me iriam ajudar. Não tinha a certeza de nada mas era o correcto a fazer, para que não ficasse preocupado comigo. Meti-me no carro e afastei-me da zona onde estava o meu filho e os meus familiares, revoltada comigo porque sabia que me poderiam ter ajudado mas não tive ninguém que o fizesse. Quando se fez de noite, o desespero era tanto que parei o carro onde estavam os arrumadores. Para poderem matar a moléstia tinham que ir a um bairro que ficava afastado e eu ofereci-me para lhes dar boleia. Logo me disseram que dividiam comigo; sentia-me tão desiludida que lembro-me de pensar: estava tudo péssimo que, naquela altura, consumir até me poderia aliviar a cabeça. Claro que hoje

compreendo que nesse dia foi a fraqueza que levou a melhor, que não era a melhor escolha; também consumi porque a revolta era muita. Teria que voltar a estar novamente mais algum tempo agregada ao CRI.

Hoje vejo que isso foi a desculpa que eu naquela altura usei, mas no fundo a verdade era que a dependência ainda era mais forte que eu.

Com tanta coisa má a acontecer, mais uma vez consumi cocaína. Era a desculpa que eu nessa altura dava a mim própria mas era um erro.

Estando naquela situação, era talvez um modo de desanuviar e de estar dentro do mundo que foi o meu durante vários anos. Achava que seria apenas uns dias, era essa a desculpa que dava a mim. Sabia que estava errada, eram os últimos dias ali e teria que regressar a Braga; o meu filho estava a pagar o quarto na casa de um familiar. Para me afastar estava a ser difícil e mais uma vez caíra nos consumos.

Dormi durante dois dias no carro. As noites eram muito frias e estava bastante desesperada, tive três dias de consumos. Naquela altura já não me identificava com aquele mundo, as pessoas eram bem diferentes daquelas com quem tinha convivido. Era cada um por si, lembro-me que me fez sentir fora de tudo aquilo. Um dia pela manhã acordei e pensei regressar a Braga. E assim o fiz.

Depois de chegar a Braga fui logo direta ao CRI. Qual não foi o meu espanto quando percebi que era véspera de feriado (8 de Dezembro), eram 17h numa quinta-feira, metia-se o final de semana ali pelo meio... eram mais três dias em que teria de suportar o frio dentro do carro. De alguma forma, teria que me desenrascar sem dinheiro para comer ou fumar. E precisava ter muito cuidado com o meu carro pois como estava sem documentos, se tivesse algum tipo de problema, a viatura seria apreendida, e aí ficaria ainda pior. Resolvi dormir dentro do carro em frente ao CRI.

Durante o dia andava com cuidado, ia ter com os arrumadores. Havia já nessa altura duas raparigas da minha idade que estavam a arrumar carros. Não tinha feito para isso, tinha vergonha que me vissem e o meu filho viesse a saber.

Precisava de casa como nunca tinha precisado na vida. Estar sem casa em noite de frio era..., tentava não pensar e manter a esperança que de alguma forma conseguisse ajuda pelo menos para dormir. Sabia que a Cruz Vermelha tinha camas tanto para mulheres como para homens e que podíamos almoçar e jantar. Pensei: o que tiver que ser, será!!

Nessa altura, talvez como refúgio, voltei a consumir cocaína. Hoje sei que não foi o melhor, mas foi a forma que encontrei de lidar com tudo. Acabava por andar durante o dia com a cabeça ocupada, e de alguma forma tinha sempre alguém com quem falar, não me sentia tão só. Como tinha o carro, e os arrumadores para poderem comprar e consumir tinham que alugar um táxi e teriam que consumir no meio do monte, assim podiam

ir comigo e consumir no carro. Assim, acabava por poder consumir pois davam-me um pouco. Quando iam almoçar ou jantar, metiam no bolso um pão ou uma peça de fruta; mas como acabava por andar o dia naquele sistema, a fome era pouca e a cabeça voltava a andar todo o dia ocupada.

E assim chegou a segunda-feira, logo que o CRI abriu pedi para falar com o meu médico.

Quando lhe contei o que me tinha acontecido, ele disse: mas andava tão bem!!!!

Mandou-me logo ir à enfermagem e deu-me uma dose baixa de metadona. Ligou para a minha assistente social e disse para eu não sair para lado algum, que alguma coisa eles iriam conseguir. Claro que assim fiz.

Quando me chamaram para subir e falar com a minha assistente social, estava muito nervosa. Lembro-me de pensar que daquela consulta dependeria a minha vida, ali no CRI era o único sítio que tinham alguma informação de quem eu era e dos meus problemas de saúde.

Dos amigos que tinha feito, uns diziam uma coisa e outros diziam outra. Nunca tinha precisado e seria a primeira vez mas como sempre estive nos programas, nunca tive consumos de droga alguma no meu historial no CRI, o que para os técnicos era bastante bom, pois sabiam que quando estava em tratamento o levava sempre a sério. Os meus testes davam sempre negativos, agora era algo a que eu iria tentar apelar, talvez para justificar, que me tinha visto tão desesperada com o facto de estar sem documentos e ter perdido a casa e o meu filho ter ficado só; apenas por isso tinha acabado por voltar a consumir.

Claro que isso não era justificação para uma pessoa que nunca tenha lido com dependências, mas as técnicas que estão neste tipo de instituições compreendem que por vezes pode acontecer. Os problemas eram muitos, e neste meu caso eu tinha deixado de ir à toma da metadona por não ter transporte e estava com uma dose bastante pequena, já muita coisa má estava a acontecer em duas semanas e a minha vida tinha ficado toda de pernas para o ar. Mas a assistente social compreendeu-me e disse para ficar descansada, ia ligar para uma associação que costumava ajudar e dar suporte em situações como a que eu estava a viver. Além da medicação, precisava de comida e de um tecto, pois andar a dormir no carro deixava-me cansada, além do frio ser muito. Claro que ter voltado aos consumos também não ajudava em nada, pelo contrário o corpo já não estava habituado.

Depois de esperar algum tempo, tive a resposta de que me iriam ajudar. A única coisa que teria que fazer era procurar, deram-me o endereço de três lugares onde possivelmente haveria quartos vagos.

Fiquei super feliz, até me parecia mentira que, apesar de não ter documentos, ia dormir numa cama quente, sem me preocupar se durante

a noite algo poderia acontecer. Saí do CRI e fui a uma pensão que estava mais perto. Não estava ninguém, fiquei um pouco preocupada. Mas liguei para um segundo número, atendeu uma senhora bastante simpática; pela conversa, percebi que tinha um apartamento com quartos alugados a pessoas que, como eu, estavam com problemas, e que quem pagava era a mesma associação que iria pagar o meu. Marcou às 16h, claro que estava preocupada pois estávamos no inverno e a essa hora já era quase noite mas não havia mais a fazer além de esperar. Já estava com a toma da metadona, a assistente social disse que poderia ir à Cruz Vermelha confirmar se poderia fazer lá as refeições. Sentia que algo estava a melhorar.

Depois de me ter enganado várias vezes, consegui encontrar a rua onde ficava o apartamento. Ainda faltavam alguns minutos para as 16h; vi uma senhora que entrou nessa porta, estava a olhar para os lados e pensei que deveria ser a pessoa com quem falara; logo em seguida, tocou o meu telemóvel. Tal como tinha pensado, era a pessoa com quem iria falar. Estava bastante nervosa, com medo que não gostasse de mim, pois já estava a dormir há cinco dias no carro e a minha aparência não era das melhores.

Chamava-se Maria e foi muito simpática. Disse que tinha um quarto vazio; preocupada com a resposta, perguntei se poderia ficar com ele. Respondeu que claro que podia, que a doutora tinha ligado e o quarto seria para mim. Disse: tenho aqui as chaves para lhe dar, da entrada e a da porta do quarto, cada um tem a chave do seu quarto, convém ter sempre o quarto fechado. Explicou também que a casa de banho era dividida, que poderia cozinhar e usar a máquina de lavar. Roupa de cama e cobertores é que não tinha.

Eu disse: é a única coisa que tenho. Arranjou lençóis e disse para pedir o que faltasse na Cáritas. Explicou que a televisão que estava no quarto fora deixada por um senhor mas não sabia se trabalhava; se a conseguisse pôr a trabalhar, estava ligada a uma box que outro senhor que vivia num dos quartos tinha ligado; fiquei contente, depois de tanta coisa má que eu tinha vivido agora algo de bom, até tinha televisão onde poderia ver filmes e séries, uma cama e um tecto, já estava com a toma da metadona diária; tinha o básico.

Hoje penso: o ser humano só quando perde tudo, como me aconteceu, é que dá valor às coisas mais simples da vida; muitas vezes temos tudo e estamos sempre a reclamar. Tinha mesmo só o básico mas naquela altura sentia-me bem, mesmo sem documentos o facto de ter um tecto e um sítio onde ir buscar as refeições fazia-me sentir muito mais feliz do que quando, lá atrás, nada faltara e portanto não dera valor ao que tinha.

Comecei a conhecer o outro lado da vida. Todos os dias levantava-me e tomava um duche; logo às 7h da manhã ia para a porta do CRI, os utentes

eram muitos e a toma era por ordem de chegada; como antes de ter vindo para Braga, com todo aquele desespero, andara a consumir, agora estava sempre limpa mas claro que pela manhã precisava de tomar a metadona.

Tinha o carro mas como estava sem documentos em dia, precisava ir a pé; tinha que subir a avenida principal de Braga e nos primeiros dias receava chegar tarde, era quase um quilómetro e ia sempre em jejum, mesmo sem poder beber um café, o que nessa altura era uma coisa que me custava muito.

Por vezes encontrava alguém conhecido que me pagava um café. Quando via alguém a fumar, pedia um cigarro e acabava por conseguir. Apesar de ser difícil pedir até costumava ter sorte. Quando voltava para o quarto, depois de sair do CRI, pedia cigarros a algumas pessoas e guardava para o resto do dia. Era a única coisa que ninguém me dava porque esse tipo de coisa não é um bem de primeira necessidade, porque tudo o que fosse comida, medicação ou roupa eu tinha. Claro que naquela altura não foi fácil, sentia muita vergonha do que estava a passar. Mas tive apoio para conseguir viver sem passar fome ou ficar na rua. Apesar de estar dentro de tanta coisa má até tive alguma sorte.

Passado algum tempo, todos os dias ia ao CRI pela manhã, almoçava na Cruz Vermelha e jantava na Cáritas. Comecei por conviver com as pessoas que, como eu, estavam com dificuldade, acabando por fazer vários amigos e amigas. Quando vinha para o quarto pedia um cigarro e até conseguia juntar 3 ou 4 para trazer, quando estava a ver televisão ia à varanda da cozinha e fumava. E assim se passavam os dias.

Naquela altura comecei a tentar andar com o carro. Tinha amigos que faziam peditórios para uma Comunidade e que me davam algum dinheiro. Sabia que não devia conduzir mas tinha cuidado; eles pagavam o combustível e eu, assim, conseguia comprar tabaco e beber café.

Passaram alguns meses, uns melhores que outros. Não era fácil mas como os amigos iam ajudando, pois quase todos sabiam a situação que eu estava a viver, de alguma forma tabaco e café ia conseguindo arranjar.

Depois de já estar nesta situação há três anos, tudo se tornara uma rotina. Almoçava e lanchava na Cruz Vermelha e ia jantar à Cáritas; ao final do dia ia para o quarto e via TV.

Até que uma vez em que não tinha tabaco vim à rua pedir um cigarro e conheci um senhor que nessa altura estava a precisar de um motorista para conduzir só durante a noite, para recolher dinheiro e fazer entregas. Nada era legal. Contei-lhe a minha situação e esse amigo, que se chamava Rui, disse-me: não te preocupes, como é só de noite, tu não precisas de nada, ficas sobre a minha protecção. Como nos últimos anos tudo me corria mal, estava meio pessimista. Mas comecei a andar com o Rui durante a noite, fazíamos as entregas, andávamos de carro (o que era para mim uma

alegria), depois íamos comer alguma coisa. Nessa altura, isto foi algo que levantou a moral, pois sentia-me mais dentro da sociedade. Como não tinha documentos andava sempre com cuidado.

Os dias começaram a ser mais alegres, comecei a ter dinheiro para o meu tabaco ou café e até conseguia ajudar quem me tinha ajudado, quando chegara a Braga.

O carro que tinha quando viera para Braga estava avariado, pensei em vender. Mas aí dei-me mal porque não tinha documentos. Falei com um senhor para ficar com o carro; ele dava-me algum dinheiro e o carro iria para peças. Um dia levantei-me e o carro tinha desaparecido, fora roubado. Estava a contar conseguir comprar um carro que estivesse a andar, mas sem dinheiro e com o furto, fiquei triste. Mas nessa altura nada para mim era difícil. Então, comecei logo a pensar como iria fazer para conseguir comprar, nessa altura ainda era positiva e tentava sempre ver o lado bom da vida.

Como todos os dias ia fazer a toma da metadona no CRI, tinha sempre alguém com quem conversar. Por vezes, até dava para (como nós costumávamos dizer) arranjar forma de ter algum dinheiro. Alguns tinham papéis de comunidades onde tinham estado internados. Eu nunca estivera internada mas ia com eles e pedíamos dinheiro, dizíamos que era para ajudar os menos favorecidos que não tinham dinheiro para pagar o internamento. Claro que era uma forma de termos algum dinheiro para nós, hoje não me orgulho do que fazíamos mas era a forma de termos algum dinheiro e podermos comprar tabaco, beber um café e conseguir meter combustível no carro. Não era uma coisa que fosse recomendada mas não estávamos a roubar nada a ninguém, no fundo até era verdade pois todos nós estávamos a tentar viver fora do mundo das dependências. Nessa altura pensava que o que estava a fazer não era nada de bom mas também não era justo estar a viver toda aquela situação, estar a viver sem poder trabalhar e comprar o essencial, além da comida e de ter um teto, precisamos sempre de dinheiro para nos podermos integrar na sociedade.

Todas as pessoas que andaram de alguma forma ligadas ao mundo das dependências químicas sentem sempre muito a exclusão social. O que eu, de alguma forma, consegui evitar. Se a dependência for de álcool, que no fundo é o mesmo mas é aceite, nunca sentem tanto a rejeição e os preconceitos e a discriminação. Os dependentes químicos ou ex-dependentes, acabam sempre por ser excluídos da sociedade e até muitas vezes humilhados, quem consome bebidas alcoólicas vai ao café e enquanto bebe a sua bebida está descontraído a falar com alguém e quando já está bêbado, as pessoas têm pena e sentem que é um coitado, existe sempre uma desculpa e alguém à sua volta é que terá culpa ou então será porque está desempregado ou porque está com problemas pessoais.

Os dependentes de drogas podem trabalhar e viver melhor mas será sempre como delinquente e até mesmo chamado de ladrão sem nunca ter roubado nada a ninguém. A única diferença que consigo ver é que uma cerveja ou um copo de vinho custa cinco euros e uma pessoa que consuma drogas, para poder matar a ressaca, terá que gastar o triplo do dinheiro e com toda a certeza não irá conseguir chegar a um balcão e comprar aquilo de que precisa. Mas no fundo é a mesma coisa, talvez até pior.

Claro que numa situação como a que eu enfrentei, sem documentos, foi mais difícil em todos os sentidos, nunca tinha sentido ou talvez nunca me tivesse afectado o que os outros pensavam. Desenrascava-me e vivia a minha vida, de forma que a sociedade nem reparava. Por vezes menos bem. Mas sempre com o Sorriso na cara.

Hoje em dia, pergunto-me:

Se fosse hoje, será que aguentava? No fundo todos nós somos mais fortes do que pensamos. Comigo isso sempre aconteceu, quando tive algum problema (e já tive bastantes), sempre consegui de alguma forma dar a volta e continuar em frente.

Foi difícil. Na altura poderia dizer que tinha uma vida fora de dependências, que estava no final do tratamento no CRI, que a vida até estava estável... e de um momento para o outro fiquei sem os documentos de identificação.

Hoje, olhando para tudo o que passei na vida, a maior lição que tive foi: nunca podemos dar nada por garantido. Depois de conseguir estar quase bem, quando tudo estava a dar certo, estava a trabalhar, e fui apanhada de surpresa; contudo, saí desse problema mais forte e aprendi a maior lição de vida. Sendo alguém que perante o sistema era totalmente invisível, fosse onde fosse, não poderia andar de cabeça levantada e envergonhava-me de tudo aquilo pelo que estava a passar.

Hoje em dia sou talvez uma pessoa mais coerente e tento nunca deixar nada em mãos alheias, trato de tudo, tento estar sempre mais atenta a toda as datas e tratar do que quer que seja antecipadamente e nunca no último dia. Ter a morada sempre actualizada, por exemplo.

Também consigo de alguma forma ajudar os menos favorecidos e por vezes até aconselhar, pois vivi bem sem precisar de ajudas, depois menos bem. Agora, com a ajuda da segurança social e de uma técnica maravilhosa, consegui superar tudo, graças a Deus dei a volta por cima.

Todos nós, ou pelo menos eu, sempre tentei ser e ver as coisas positivas. Nem tudo são rosas mas também nem tudo são espinhos.

Hoje em dia dou muito valor ao acordar todos os dias com alguma qualidade de vida. Ver o pôr-do-sol e o mar... as coisas simples da vida.

Nunca deixei de falar para alguns amigos que não tiveram força de vontade para fazer o que eu fiz, deixar as drogas e levar uma vida dita

normal e banal. Mas orgulho-me de ter conseguido superar tudo e hoje
caminhar de cabeça erguida e ser feliz.

Sempre de bem com a vida...

UM PONTO FORA DO CÍRCULO

Mónia Camacho

O Vermelho ameaça-me.
Movo-o entre os dedos e volto a levantar-me.
É apenas um postal de aviso.
Respiro com dificuldade. Não consigo ficar quieta.

Finalmente chamam o meu número.

A funcionária que me atende é brusca. Diz que sou procurada pela justiça;
e revira os olhos quando tento saber mais alguma coisa.

Imagino um daqueles cartazes do Faroeste:
“Procura-se: morto ou vivo”.

Na verdade, já me senti mais viva.

Se a justiça estivesse ali eu explicava-lhe tudo;
mas a justiça não é uma mulher bonita de olhos vendados.

Não percebo o que se passa. E a confusão tende a aumentar.

A mulher diz que estou contumaz.

Algo que não sei bem o que é.

Sinto embaraço e só quero fugir dali.

As pessoas observam-me à procura de um qualquer crime que se mostre
no meu olhar. Que, de certeza, deve existir. É o que pensam.

Um pedaço de papel envolto em plástico resume a minha identidade;
um nome, uma data de nascimento, e pouco mais.

Sem essa garantia de controlo, e de normalidade, não há segurança.

Percebo que não cabe cidadania para lá desse papel.

Tudo o resto é território da desconfiança.

A partir daí tornei-me clandestina; invisível.
Tanto quanto um ser humano pode ser;
e não soube por onde começar a resolver o facto de não existir.

Meti as chaves, dos prédios que limpava, no bolso e peguei no carro.
A chuva anunciava um dia mau.
Daqueles em que as coisas se desconcertam.
Em que o destino se desorienta e fica tudo fora do lugar.

Mais à frente, à chuva, senti o carro a fugir-me.
Tanto como o resto da vida.
Ficou solto e sem controlo; a girar numa coreografia lenta; até ao embate;
até ao pathos; esse momento dramático que algumas histórias têm.
Toda a energia, assim, libertada pelo choque violento.
O cinto magoou-me e manteve-me intacta: as duas coisas ao mesmo tempo.
A frente do carro desfeita, como as minhas ilusões de uma vida nova.
O polícia aproximou-se; queria os documentos. Os tais que eu não tinha...
E eu queria sair dali.
Sim, outra vez.

Tudo o que pensava, ultimamente, era repetido.
O vento não me incomodava; o futuro, sim.

Apeteceu-me chorar. Sentir o corpo tão aflito como a mente e o coração.

Como vou entregar o maldito bilhete de identidade à polícia? E como vou entregá-lo na empresa para completar o recrutamento? E como vou levantar o cheque que me pagaram? E onde vou arranjar outro carro?

A montanha de problemas ameaçava soterrar-me. É uma mania que algumas têm.

Entreguei a guia de substituição do bilhete de identidade.
Um artifício; que ia durar o tempo de todos os truques.

O carro foi para a sucata; outra dor.
E eu nem sabia que um carro podia doer assim.
Olhei para o dinheiro que sobrou: não chegava para comprar nenhum.
O meu filho emprestou-me o resto.
E esse gesto doeu também na inversão dos papéis naturais.
Como cheguei aqui?

Há sempre um caminho, mesmo que não o aceitemos de imediato. Ou lhe chamemos nosso.

Continuava a não poder movimentar o dinheiro no banco e deixei de poder trabalhar.
Fui vendendo coisas. Até chegar aos objectos sentimentais. Aqueles que têm a história misturada com a nossa.
E chegou o dia em que tive de entregar a casa. Já não podia mantê-la.
A minha sorte a dirigir-se, calmamente, para o desnorte.

Nunca tinha reparado na quantidade de “formulários” que temos de preencher. Querem sempre saber quem somos e que número temos. Ser cidadão é ter um número para dizer quando é preciso.
É tipo um “abre-te sésamo”.
Tens número, a porta abre-se. E se te apetercer, entras.
Eu não tinha.
Pela primeira vez, não tinha.
Estava fora do círculo, era um ponto do outro lado.
Exclusão social, era onde eu estava. À mercê de todos os caprichos que a vida tem.
Deixei de poder fazer coisas que antes fazia quase automaticamente.
É estranho ter de revirar o céu e a terra para tomar um café.
Sim: pedir pode não ser um acto fácil. Devia ser.
Pedir. Dar. Receber.
Mas nem sempre é.
A vida tem uma forte componente de ironia. De contraste.
Agora que estava a ficar limpa, a completar o programa da metadona, deixava de ter onde viver e onde trabalhar.
O desespero e a angústia fizeram o seu caminho e cortaram o que restava da vontade de resistir.
Oblívio.

A confiança nunca calhava.
A solidão crescia para territórios insuspeitos; todos dentro de mim.
Ameaçava tomar conta de tudo o que eu ainda era.
Meti uns cobertores no carro e fui, rumo à incerteza.
Uma decisão tão difícil; que tomei apesar do pânico.
Apesar de tudo.
O ser humano precisa de se sentir seguro. A segurança é a primeira felicidade.
E eu nunca tinha vivido na rua, ou perto dela.
Mesmo assim tinha o carro.

Fiquei a pensar que uma simples mão poderia ter evitado todo aquele medo; mas ninguém me deu. Nem a família.

E não quis preocupar o meu filho.

A mãe era eu.

À noite procurei os arrumadores, e no meio do desespero voltei a consumir.

Uma fuga com nome de droga.

Um pó que, no momento, ajuda no acto de sofrer. Atira tudo para outro plano. Um qualquer.

Vencida. Ao arrepio de todas as minhas intenções.

Das promessas que me tinha feito baixinho.

Dezembro dentro do carro; o frio chegava-me ao corpo e a algo que fazia às vezes alma, mas que eu já não sabia bem o que era.

Senti que era altura de tentar ajuda. Mas o dia não podia ser pior.

Era, quinta-feira, véspera de feriado e o CRI só abriria segunda. Um dia muito longe de mim; ou a eternidade para alguém no meu estado anímico e físico.

Enganei o tempo e a solidão mais um bocado. É algo que se aprende a fazer quando não se tem nada.

O meu médico falou comigo; ouviu-me calmamente e deu-me uma dose de metadona. Depois, fez a ponte com a assistente social.

A minha vida dependeria da consulta com aquela mulher.

Todas as ideias que ela criasse sobre mim iam contar.

Mas, o meu histórico ali era bom. Quando em tratamento nunca tivera consumos.

E tudo o que me acontecera era suficiente para desarmar qualquer um.

Como tinha suspenso a metadona durante o tempo sem carro...

Ela ia compreender. De certeza!

E assim foi.

Confiou em mim; muito mais do que a maioria das pessoas costumava fazer.

Arranjou uma associação para me dar apoio.

Salvou a parte de mim que havia a salvar. E o resto lá iria ter.

Dormir num quarto. Um sítio quente, onde não teria de me preocupar com perigos.

Fui ter com a senhora que o alugava, e desejei não ter aspecto de rua. Tive medo que não me quisesse lá.

Chamava-se Maria; tão simpática.

A Dra. tinha ligado: o quarto seria para mim. – garantiu-me.

Deu-me a chave; e eu senti-a com os dedos.

A segurança tinha aquela forma. Cabia na mão.

Havia televisão. Um sinal de que a vida estava a voltar. A pouco e pouco.

Atirei-me para cima da cama, a absorver a sensação da sorte a mudar.

O valor que damos, a tudo, depende do que vivemos.

Levantava-me cedo e ia para a fila da metadona. Sempre a pé. E nem um café podia comprar.

Isso custava...

Às vezes, encontrava alguém que me oferecia o tal café. Um cigarro.

Há coisas que não são básicas, mas de que precisamos...

E há sentimentos assim, também.

Apesar de tudo, encontrei apoio. Instituições a fazer um trabalho louvável.

A dar esperança, tecto e comida. A relançar a vida.

Às vezes é preciso que alguém lhe pegue e a atire novamente para jogo.

Na minha rotina havia pontos seguros que unidos davam o meu dia:

almoçava e lanchava na Cruz Vermelha e ia jantar à Cáritas.

O desenho desses percursos podia ser feito numa linha simples.

No final do dia, recolhia ao quarto e ficava a ver séries na televisão; ou outras coisas banais de quem pode dar-se a esse luxo.

Por vezes, o universo deita uma boia. Uma oportunidade de subir um degrau; ou uma escada inteira.

O CARROSSEL DA BEATRIZ

Nuno Henriques

(Jornalista do Diário de Leiria)

A vida de Beatriz foi feita a várias velocidades. Um mundo de dependências e de exclusão social que ganhou raízes no seio familiar e na terra Natal. Mas a superação humana acabou por vencer

Beatriz. “A que traz felicidade”; “aquela que faz os outros felizes” ou “viajante”, “peregrina”. Assim dita o Dicionário dos Nomes Próprios. A história desta Beatriz pode ser semelhante a tantas outras Beatrizes, e neste caso o termo “viajante” enreda-se na Beatriz, tamanha é a viagem da sua vida.

Beatriz nasceu no Hospital de Montemor-o-Novo, a 27 de Maio de 1967. Viveu com a família em São Cristóvão, freguesia daquele concelho alentejano, até à adolescência. Aos 12 anos deixou de ser filha única. Nasceu a sua irmã. Da família, começa por dizer que “viviam de aparências”, referindo-se aos pais. E logo desabafa que “sempre” foi “uma pessoa revoltada e diferente”. “A minha mãe batia-me muito”, revela.

Desde muito cedo a sua vida foi percorrida como num carrossel. O meio social era pequeno e fechado, e aos 12 anos viveu uma experiência aterradora e inesquecível. “Fui violada aos 12 anos. A minha mãe soube, deu-me uma sova, e desapareci. Pensavam que tinha fugido”.

A queixa sobre tamanha agressão deu entrada na GNR, mas o agressor nunca foi condenado. Em consequência – também da vergonha sentida pela família -, Beatriz foi para um colégio interno, em Évora. Tinha 13 anos, e ali estudou até aos 17.

“Sempre fui muito revoltada com o sistema e sempre fui muito curiosa sobre o desconhecido”.

Foi em Évora que Beatriz fumou o primeiro cigarro, mas depressa outros vícios se seguiram. “Comecei a andar com pessoal mais venho e que tinha fama de não ser bom. Queria sentir-me protegida. Depois vieram os primeiros charros [droga fumada], aos 14/15 anos”.

Diz que nunca lhe “faltou nada” a nível material, mas revela: “Não

gostava de me vestir à menina. Gostava de usar calças de ganga e sapatilhas, de preferência já usadas”.

Volta atrás, e recorda um episódio que a marcou ainda muito pequenina. Já aos seus “cinco anos, houve uma tentativa de violação de um vizinho”. Aliciou-a com revistas de carros – que sempre gostou - para a atrair para junto dele. Conseguiu fugir.

Essas situações “marcaram-me muito”, confessa.

Aos 17 anos engravidou. Conseguiu esconder a gravidez da maioria das pessoas, mas os pais descobriram a um mês de comemorar os 18 anos, idade com que foi mãe de uma menina. Não ficou com a criança, por imposição dos pais. Ainda se deslocou a Lisboa para fazer um aborto, mas travou a tempo.

Mas foi longe da sua terra que deu à luz. A filha nasceu na vizinha Espanha, mas não chegou a ficar com ela ao colo. Foi entregue a um casal espanhol, “uma família abastada. Achei que ficaria bem”. Assim estava combinado e decidido pela família de Beatriz. “Sempre tentei fazer o que os meus pais queriam e esse foi o erro da minha vida”, lamenta.

Beatriz foi mãe num sanatório. Conheceu apenas o pai adoptivo da filha e assegura que não quis receber dinheiro pela adopção ‘forçada’. “Foi a partir daqui que a minha vida desmoronou. Foi um ponto de viragem muito grande, porque não é um acto fácil”.

Regressou a casa e não ouviu nenhuma palavra de conforto dos pais. “Fiquei muito revoltada. No fundo, estava a sofrer e ninguém me perguntou como me sentia, com excepção da minha avó. Esse sentimento deixou muitas sequelas”.

A vida seguiu em frente e começou a ganhar dinheiro a fazer tapetes de Arraiolos. Mas mais ‘viagens’ de carrossel estavam a caminho. Ainda aos 18 anos enveredou por outras drogas, “os ‘drunfos’”, revela. E foi também na idade maior que conheceu o pai do seu segundo filho, um menino, que viria a nascer mais tarde. O companheiro “vendia ‘chamon’ (haxixe) e serenal [conhecido por comprimido ladrão]”. Beatriz ficou viciada.

“Estava muito revoltada e só fazia asneiras. Comecei a deixar de ir a casa [dos pais] e a viver em Évora” - com o pai do futuro filho. Ainda conheceu o equilíbrio, pois teve um período de paz quando engravidou. Deixou o tabaco e as drogas.

Mas a relação com o companheiro deteriorou-se e embarcou numa nova viagem. O filho tinha cinco anos quando assentou ‘arraiais’ no concelho de Leiria. Foi trabalhando na restauração e na venda de roupa por catálogo, e assegura que “ganhava bom dinheiro”. Mas na juventude já tinha experimentado cocaína. Tinha 18 anos quando se estreou naquela droga. Experiência que não demoraria muito tempo a repetir neste

novo carrossel da sua vida. “Conheci gente com dinheiro, que consumia cocaína”. Beatriz tornou-se também consumidora.

“Sempre consegui conciliar as drogas e a vida com o meu filho”. Beatriz assegura que tinha uma vida dita de “normal”, mas chegou a gastar entre 100 a 300 euros em cocaína por noite. Para o seu consumo e dos amigos.

Aos 30 anos estava viciada na cocaína e conhecia os circuitos mais fechados de venda e consumo daquela droga. Chegou a comprar cocaína em Vila Nova de Famalicão, no distrito de Braga, onde residia a irmã. “A droga era a metade do preço”, sustenta.

Decidiu fixar-se no Norte do País e foi na nova morada que esteve à beira da morte, com um princípio de uma ‘overdose’ [excesso de droga]. “Ia a caminho de casa com um amigo. Era de dia”, recorda, logo assegurando: “Nunca consumi drogas ao pé do meu filho”. Nesse dia, em que quase deixou de ser mãe, o filho percebeu que não se tratava de uma qualquer doença. A mãe já sofria de asma, mas a patologia não serviu de desculpa.

Beatriz abrandou e passou a consumir cocaína apenas em “dias de festa”. “O meu filho não merecia aquilo”, desabafa. Pediu apoio psicológico no Centro de Atendimento a Toxicod dependentes (CAT), já em Leiria, onde regressou. Mas o carrossel do seu destino estava de novo no Norte do País, e voltou a fixar-se na cidade nortenha famalicense. Foi há mais de 15 anos. Mas essa ‘viagem’ viria a revelar-se uma montanha russa, ao ponto de perder a identidade e de não existir para a sociedade.

“Senti-me excluída socialmente”

Beatriz diz que foi “uma das piores fases” da sua vida. Na altura trabalhava e a sua vida parecia que deixara de ‘viajar’ em círculos. Beatriz estava no programa de metadona, no Centro de Respostas Integradas (CRI) de Braga. “Estava feliz, quase a sair do tratamento de metadona, estava limpa. O meu filho acabara o 12.º ano e trabalhava pela primeira vez. O meu trabalho era a fazer limpezas em condomínios”.

Mas um acidente de viação começou por voltar a trocar-lhe a vida. Saiu ilesa. Contudo, muitas ‘feridas’ iam começar a despontar. O carro foi para perda total e teve de o vender a um sucateiro. Comprou um automóvel mais antigo, para se deslocar para o trabalho, e na mesma semana resolveu tratar de documentos pessoais. A sua morada, a de sempre, ainda era a da residência dos pais.

Beatriz foi tratar do Bilhete de Identidade (BI), cujo prazo de validade estava a expirar, e a morada estava desactualizada. “Dias depois recebi um postal do Registo Civil, daqueles com barra vermelha, igual aos postais do Tribunal. Não era para levantar o documento, mas para comparecer

no Registo Civil”. Ali, ficou a saber que o pedido de renovação do BI tinha sido indeferido. Informaram-na que “estava em Contumaz” [quem se recusa a comparecer em juízo; que ou quem pratica contumácia; ex.: o réu não compareceu ao julgamento e foi declarado contumaz].

“Não sabia o que era isso, mas pelo olhar das pessoas, percebi que coisa boa é que não era”. Beatriz quis resolver a situação. Mas o seu mundo estava prestes a virar do avesso. “Fui para casa completamente destruída”.

No caso, o nome de Beatriz constava de um processo judicial, uma vez que um carro de que era proprietária tinha sido ‘apanhado’ numa operação policial de combate ao tráfico de droga, em Leiria. Beatriz não estava presente, mas tinha emprestado o carro a um amigo.

“A verdade é que me sentia muito só e bastante envergonhada. Sempre me conseguira desenrascar e resolver os problemas. Mas desta vez não estava a ver saída alguma”. Beatriz estava prestes a ficar sem casa e também sem trabalho. O dinheiro que tinha no banco não podia ser movimentado e não podia trabalhar sem Bilhete de Identidade.

O filho foi viver com familiares e Beatriz teve de abandonar a casa. “Era a primeira vez que me sentia excluída e envergonhada, completamente sem rumo. O medo era muito, pois tinha a sensação de que nunca vivera sem um tecto. Foi talvez o pior dia da minha vida”.

“No final de Dezembro, o frio era muito, a chuva também. Dormir no carro era um cenário que me estava a deixar triste, mas disse ao meu filho que em Braga, no CRI, me iriam ajudar”. No caminho, deu boleia a uns arrumadores [de carros], e nessa altura a droga voltou a levar a melhor. “Com tanta coisa má a acontecer, mais uma vez consumi cocaína. Era a desculpa que eu nessa altura dava a mim própria, mas era um erro”.

Beatriz dormiu dois dias no carro. “As noites eram muito frias e estava bastante desesperada. Tive três dias de consumos. Naquela altura já não me identificava com aquele mundo, as pessoas eram bem diferentes daquelas com quem tinha convivido. Era cada um por si”, recorda.

Já em Braga - o seu destino traçado três dias antes -, voltou a dormir dentro do carro, em frente ao CRI, e depressa voltou a consumir cocaína. “Hoje sei que não foi o melhor, mas foi a forma que encontrei de lidar com tudo”.

Acabou por receber ajuda do CRI, da Cruz Vermelha Portuguesa e também da Cáritas para se erguer. Mas foram precisos sete anos para poder voltar a ser uma cidadão do mundo. “Senti-me excluída socialmente”, diz Beatriz, emocionada.

“Foi difícil. Na altura poderia dizer que tinha uma vida fora de dependências, que estava no final do tratamento no CRI, que a vida até estava estável, e de um momento para o outro fiquei sem os documentos de identificação. Hoje, olhando para tudo o que passei na vida, a maior

lição que tive foi que nunca podemos dar nada por garantido. Depois de conseguir estar quase bem, quando tudo estava a dar certo, estava a trabalhar, fui apanhada de surpresa. Contudo, saí desse problema mais forte e aprendi a maior lição de vida”.

Beatriz sente que o carrossel da sua vida deixou de andar em círculos e voltou à normalidade há 10 anos. Reside no concelho de Leiria e dedicou-se ao voluntariado. “Tenho usado a minha experiência de vida para ajudar os outros”. E adianta: “Estou inserida na sociedade, gosto de marcar pela diferença, mas também estou sempre alerta”.

Beatriz Passão tem 52 anos. Está aposentada por invalidez, devido a um problema de saúde. Sobre a ‘viagem’ da sua vida, procura agora fazê-la em linha recta. “Orgulho-me de ter conseguido superar tudo e hoje caminhar de cabeça erguida e ser feliz. Sempre de bem com a vida”.

(texto escrito com o anterior acordo ortográfico)

Jorge



© MARAIA

DO CÉU AO INFERNO E O REGRESSO AO CÉU

Jorge Cardinali

Decorria o ano 1991. Era um jovem de bem com a vida. Excelente relação conjugal, pai recente, um filho com dois anos, vida profissional como “artista de circo”; tudo decorria às mil-maravilhas, sentia-me no paraíso. Mas de repente tudo ruiu. O grande amor da minha vida, de nome Mónica, morre nos meus braços. Cancro nos pulmões. E logo a minha vida começou a ficar toda negra. Sendo um jovem pai, sem o apoio da família, desemparrado, acabei por encontrar um único refúgio, o refúgio possível na altura. A droga.

Os anos foram passando e fui pai novamente. Devido ao consumo de drogas, houve uma separação e fiquei com dois filhos nos braços. Íamos sobrevivendo dos meus espectáculos mas a minha vida foi-se degradando e acabei por ser obrigado a colocar os meus filhos num colégio. Durante vários meses vivemos dentro de um carro (um Fiat 127) e comecei a ter a Segurança Social à perna. A droga desmazela muito os consumidores, os espectáculos começaram a ser cada vez menos, o desmazelo aumentou. Durante vários meses tive a sorte de um dealer, fornecedor de heroína e cocaína, me orientar meia grama de heroína todos os dias, supostamente “oferecida”. Mas como essa oferta não surgia todos os dias, o dito dealer desapareceu da circulação e lá tive de me fazer à vida para arranjar dinheiro, o dinheiro necessário para matar o meu vício.

Como não sei roubar, fui arrumar carros nos parques de estacionamento de Leiria. E eram muitos os arrumadores, todos a tentarem arranjar dinheiro para matar a ressaca da maldita droga. Numa ocasião um colega arrumador roubou a carteira a um homem que tinha estacionado o carro; eu, apesar de não ter nada a ver com o assunto, sabia que iria ter problemas porque estava perto e tinha assistido. Decidi agir e lá consegui recuperar a carteira, só com os documentos do senhor; mas mesmo assim ainda passei umas horitas no posto da PSP. A vida prosseguiu e lá continuei a arrumar carros. Tornei-me num autêntico parasita para a nossa sociedade porque éramos muito discriminados.

Os anos foram passando e eu cada vez mais no fundo do poço, a ser

muitas vezes discriminado e cada vez mais desmazelado. Cheguei a estar quase três meses sem tomar banho e desfazer a barba. Preocupava-me mais em arranjar dinheiro para comprar a minha dose e eliminar a ressaca, porque quando ressacava sofria dores terríveis. Era mesmo muito mau. Do dinheiro que arranjava a arrumar carros, 95% era para a droga. Heroína. Era difícil sair daquela vida, porque sentia-me bem na minha zona de conforto. Os meus “amigos” eram pessoal que andava na mesma vida que eu. Mas tive dois amigos de quem gostava e por vezes dividíamos as doses de heroína: o Vasquinho e o cota Victor, dois amigos que conviveram comigo as peripécias de sem abrigo e drogas.

Durante os três meses em que estive sem tomar banho e desfazer a barba era com muito custo que as pessoas chegavam junto de mim. Sei que cheirava muito mal. Foi uma das minhas piores fases de toxicod dependente e sem-abrigo, sentia-me um autêntico morto-vivo. Andava constantemente a mudar de casa velha em casa velha, cheguei a dormir em alguns locais muito conhecidos em Leiria, como por exemplo o Hotel Lis (hoje só existe a fachada da frente) e o actual Museu do Papel, que na altura era uma moagem abandonada. Os proprietários tapavam as janelas e portas com tijolos ou era corrido pela polícia, e lá tinha de arranjar outro local para dormir. Mas o pior era quando me abordavam depois de comprar a minha dose de heroína pela polícia à paisana e me tiravam a dita dose, coisa que eles não podiam fazer.

E lá continuava eu todos os dias. Sim, todos os dias: não tinha folgas nem fins-de-semana como o cidadão comum, todos os dias tinha de matar o meu vício para não ressacar. Devido à minha maneira de ser, calmo e sério, vários consumidores apareciam no parque de estacionamento a perguntar pelo Cardinali, para os orientar, porque eu como consumidor antigo (eheheheh) sabia onde paravam os dealer's. Era vulgar alguns colegas banharem (enganarem) o pessoal que aparecia para comprar heroína. Mas tinha de ter a minha fezada, uma parte da heroína que queriam comprar. Eu, bem como outros arrumadores de carros, fomos ganhando ao longo dos anos um certo estatuto e respeito, obtendo por isso os melhores lugares nos parques de estacionamento, aqueles em que fazíamos mais dinheiro. Tínhamos os nossos lugares marcados e quando aparecíamos, quem estivesse no nosso local no parque de estacionamento saía.

Os anos foram passando e eu lá ia derramando algumas lágrimas e perdendo o gosto de viver, porque ia tendo conhecimento de colegas que iam presos ou morriam. Era uma vida muito ingrata mas o único culpado era eu e mais ninguém.

A altura do Natal era sempre a melhor, porque as pessoas davam mais dinheiro e outras coisas, porque mesmo assim ainda havia pessoas que tinham pena de nós. As datas marcantes, como o Natal, a passagem de ano

e até aniversários, tornavam-se dias normais, porque a minha preocupação era outra: arranjar dinheiro para o vício. Perdi amizades, perdi família, perdi divertimentos e algumas vezes até perdi a vontade de viver.

Os dias iam passando muito devagar, alguns momentos quase custavam a passar, tornava-se complicado sair daquela zona de conforto. Durante alguns anos arrumava carros de manhã, à tarde e ainda à noite, sempre com educação e respeito para com as pessoas, porque eram elas que acabavam por matar o meu vício. Por vezes, algumas ao conversarem comigo davam-me conforto. Os dias passavam sem objectivos de vida, afinal o vício da droga estava em primeiro lugar.

O pior momento aconteceu quando vi que estava mesmo no fundo do poço e tive de ir arrumar carros. Foi muito mau.

Tinha muito medo de nunca mais acordar.

A família nunca tentou ajudar a sair da droga, de nove irmãos não houve um único que tivesse feito o mínimo esforço para eu deixar a droga.

Quando acordava, lá tinha que me fazer à vida para matar a ressaca da droga.

O que me deu força para sair da vida que levava foi estar farto de sofrer. Mas estava numa zona de conforto de que era muito complicado sair.

As técnicas do Projecto Porta Aberta davam muito apoio e esperança a todos os que estavam na rua. É engraçado pois quando conheci as técnicas, não queria nada com elas; quando me abordavam no parque de estacionamento, empurrava-as com educação para outros arrumadores, porque não tinha tempo para falar com elas, queria era arranjar dinheiro para o vício.

O que me fazia rir era enganar a polícia, quando eles me queriam tirar a minha dose. Eu e outros colegas consumidores comentávamos, eles achavam-se mais espertos, dava mesmo para rir.

Aprendi que não podemos pensar que só acontece aos outros.

Houve duas pessoas, duas técnicas, que me marcaram muito, a quem respeito muito; temos uma relação muito boa: L.C. do projecto Porta Aberta, que me acompanhou em todos os exames médicos e burocráticos, e C.M. do CRI, antigo CAT, que me internou numa clínica de desintoxicação, em vez de me mandar para o programa da Metadona. Dois seres humanos maravilhosos.

Quando quis sair da rua, o meu filho mais velho, com dezanove anos na altura, aprontou-se logo para me ajudar. Mas tinha de cumprir as suas regras. Às vezes até chateavam o meu filho, por eu ser drogado, e ele respondia que preferia que fosse assim do que eu fosse ladrão e estivesse preso.

Entretanto fui internado numa clínica de desintoxicação em Coimbra. Acabou por ser mais fácil do que pensava. A ressaca é o grande medo dos consumidores de heroína. Foram quinze dias muito pacíficos, com boa camaradagem. Éramos dez pessoas internadas, sempre muito bem

tratados pelo pessoal da clínica. As instalações eram muito boas, todos estavam sempre prontos a ajudar. Não dei pela ressaca passar.

E quando esses quinze dias ficaram para trás, tinha uma nova vida. Na altura, pensava que seria fácil, mas não. Tinha consciência de que teria de enfrentar vários desafios e perigos. Mas sempre com um pensamento em mente: um dia de cada vez. Um dos desafios mais difíceis foi quando tive recaídas, que é o grande problema de quem tenta curar os vícios. Outro desafio difícil de superar é reconquistar a confiança das pessoas. No meu caso, ainda demorou uns anitos até conseguir voltar ao mercado de trabalho, porque as pessoas colam o rótulo de “drogado hoje, drogado sempre”. Infelizmente, ao fim destes anos todos ainda tenho familiares chegados que quando falam em mim, não mencionam o Jorge mas sim o drogado, porque ainda hoje não acreditam na minha recuperação nem no trabalho que desenvolvo actualmente. Um trabalho muito gratificante, ao partilhar a minha história de vida. Aos poucos fui sendo um cidadão mais activo na nossa sociedade, tendo sempre como primeiro objectivo ganhar a confiança das pessoas, porque apesar de sermos viciados não somos parasitas mas sim seres humanos.

Não é fácil ganhar a confiança das pessoas e muito menos da família e dos amigos, porque uma verdade nossa pode ser, para eles, uma mentira. Desconfiam muito daquilo que dizemos e fazemos. Andava sempre com a “policia” atrás. Infelizmente, como há muitas recaídas nos consumidores de heroína e existe a tendência de mentir, a desconfiança parece ser inevitável. Eu, pouco a pouco, lá fui ganhando a confiança do meu filho, porque tive mesmo de seguir as regras dele nos primeiros seis ou sete meses após a desintoxicação. Não foi fácil mas consegui a confiança tanto dele como da família e amigos. Demorou mas consegui.

Momentos tristes houve muitos, como quando via que alguns colegas iam morrendo aos poucos; ou com overdoses. Também cheguei a salvar dois colegas de não morrerem de overdose, ao dar auxílio e chamar a ambulância. Foram momentos muito tristes, mas tinha de continuar e não esmorecer. Existiam muitos consumidores na altura em Leiria. O mais ingrato era quando ligávamos ao dealer e ele nos dava seca, mandava esperar, porque estávamos a ressacar e os minutos não passavam, parecia que o tempo parava. A rotina diária era quase sempre a mesma: acordar por volta das sete da manhã, aliviar a ressaca com um pouco de heroína que tentava guardar, beber um café, quando ainda havia uns trocos para isso, e ir para o parque fazer-me à vida, arrumando carros. As pessoas que mais conversavam connosco eram as técnicas de um projecto que havia na altura, Porta Aberta, que nos ajudavam dentro das suas possibilidades. O melhor, para mim, era quando conversavam comigo, sempre me davam um pouco de ânimo.

Aos poucos fui-me tornando um cidadão activo e exemplar. Primeiro tive de ganhar a confiança das pessoas, voltar à actividade de que mais gosto, que é fazer espectáculos de magia. A minha auto-estima era cada vez melhor, sem aquela preocupação de ir arranjar dinheiro para a dose de heroína. Fui-me integrando na sociedade aos poucos, entrando num projecto da câmara municipal de Leiria, na área da jardinagem, em que estive inserido durante vinte e um meses, e que ia conciliando com os meus espectáculos. Este projecto da jardinagem acabou, entrei noutra como assistente operacional durante seis meses, numa escola em Leiria. Mais uma vez, este contrato com a escola acabou e voltei apenas aos meus espectáculos de magia. Estive também durante três meses a limpar pinhal com uma roçadora, trabalho que adorei fazer.

Entretanto apareceu uma nova Instituição em Leiria, para dar apoio a quem estava na rua como sem abrigo, consumidores de drogas, consumidores de álcool, etc. Fui convidado para ser voluntário desta Instituição pelas técnicas. Era maravilhosa esta oportunidade de ser voluntário, porque sentia que devia algo à nossa sociedade e tinha a possibilidade de ajudar quem estava na situação semelhante àquela em que eu estive durante muitos anos. Tornava-me cada vez mais realizado.

Os anos foram passando.

Durante estes anos tive um relacionamento em que pensei que ia abaixo, mas o meu trabalho como voluntário, em algumas instituições em Leiria como a InPulsar, a Eapn - Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal e a Liga Portuguesa Contra o Cancro motivavam-me.

Aos poucos fui voltando à dita vida normal, tornei-me voluntário em 2010 na Eapn Portugal, no Núcleo Distrital de Leiria, em que fui convidado pela técnica local para colaborar num trabalho sobre a pobreza e exclusão social no Pinhal Litoral. A partir desse trabalho fui convidado a fazer parte como membro do CLC, o Conselho Local de Cidadãos, do Núcleo de Leiria, onde debatíamos os problemas locais relacionados com a pobreza e a exclusão social do distrito de Leiria.

Aos poucos lá me fui integrando na sociedade e ganhando a confiança das pessoas que me rodeavam. Hoje, e de há uns anos a esta parte, sou o representante de Leiria da Eapn Portugal, participando em reuniões de todos os representantes da Eapn, a nível nacional, nos encontros regionais de Núcleos do Centro de Portugal e nos Fóruns nacionais da Eapn Portugal, sempre como voluntário. São experiências muito ricas nas partilhas que existem entre todos, sobre pobreza e exclusão social. Situações em que o nosso país é fértil, infelizmente.

Fiz também o 9º ano no antigo RVCC em Leiria.

Os anos foram passando e hoje, além das animações que continuo a fazer e que adoro, trabalho como Mediador de Pares numa Associação

para o Desenvolvimento Comunitário de Leiria, InPulsar. Faço a ligação das pessoas mais carenciadas de Leiria com os técnicos da Associação, trabalho que adoro fazer porque me identifico com essas pessoas.

E foi assim metade da minha vida, bati no fundo do poço, mas consegui erguer-me com a ajuda de algumas pessoas: filho mais velho, CRI e Projecto Porta Aberta. Não me orgulho do meu passado, mas orgulho-me do meu presente e da pessoa em que me tornei para a nossa sociedade e para a comunidade de Leiria, ajudando os outros e dando o meu exemplo com a minha história de vida.

OSSO

Paulo Kellerman

São onze horas. Talvez não sejam, na verdade não sei que horas são; há muito que deixei de contar as horas; há muito que deixei de me preocupar em saber que horas são. Mas agora, neste momento, quero que sejam onze horas. E posso decidir, podem ser as horas que eu quiser porque o tempo deixou de ser importante para mim; já nem sei como era quando vivia de outra forma, já nem me lembro da última vez em que me preocupei em atribuir um número ao tempo. Já nem me lembro como era quando essa contagem importava. Agora o único tempo que conta é o presente, e o meu presente engole o passado e o futuro, reduzindo-se apenas àquilo que é: momento. E neste momento apetece-me que sejam onze horas. É assim que reduzo a vida ao seu esqueleto; o osso da vida é isto: este momento. São onze horas da noite e está frio. Sentei-me nesta escadaria porque me dói o corpo. Talvez a dor seja a forma que o corpo encontra de se fazer sentir, de se fazer lembrar. Se dói, tenho consciência dele. Se dói, existe; apenas dói porque existe: apenas existirá enquanto doer. São onze horas e este momento é feito de dor. Talvez seja cansaço, talvez seja fraqueza, talvez seja doença, talvez seja podridão. Estarei podre? Uma vez ouvi alguém dizer que começamos a apodrecer no momento em que nascemos; teria algo a ver com a reacção do corpo à atmosfera: a pele toca o ar e logo se inicia a sua contaminação. Um disparate, certamente; mas os dispartes são úteis se fizerem o espírito hesitar por um momento; quanto mais crédulo o espírito for, maior é a possibilidade de se espantar. Por isso é que os tolos são felizes. E o espanto é como a respiração: se não nos espantamos é como se não respirássemos; estamos mortos. Não sei se já estou morto. Se morri, não me avisaram. Contudo, olham-me assim: como se estivesse podre. Do alto desta escadaria vejo as pessoas que passam; mesmo que feche os olhos, os seus cheiros chegam até mim. Apesar dos seus olhares me evitarem, os seus cheiros aproximam-se, rodeiam-me, questionam-me. Talvez os cheiros se comuniquem entre si, talvez estabeleçam diálogos e cumplicidades. O que dirá o meu cheiro? Como seria a vida se apenas nos conhecêssemos através dos cheiros,

abdicando das palavras? Canso-me destes devaneios. Passo demasiado tempo ocupado com os meus pensamentos, passo demasiado tempo a viver dentro da minha cabeça. Mas qual a alternativa? Tenho saudades de me espantar; tenho saudades de me sentir tolo. As pessoas dos olhares que me evitam continuam a passar, lá longe, noutra mundo; sinto que incomodo apenas por existir, por estar aqui. E as pessoas que passam? Será que existem mesmo, será que são reais? Ou serão apenas projecções da minha imaginação, como as pessoas que vejo nos sonhos e que na verdade não existem? Qual a diferença entre pessoas reais e pessoas sonhadas? Também tenho saudades de sonhar. Tenho saudades da leveza. Tenho saudades da banalidade. E tenho saudades de me sentir uma pessoa real. Tenho saudades porque nem a suspensão da passagem do tempo anula as saudades. Onze horas da noite; mas não interessa saber que horas são quando o tempo está parado. Estou parado no tempo ou preso no tempo? Ou escravo do tempo? Sei que me dói o corpo, isso sei. Sinto. Talvez seja doença. Talvez seja fome. Talvez seja ressaca. O tempo está parado desde quando? Sei que um dia me injectei. E foi aí que o tempo parou. Foi isso que injectei para dentro de mim: uma paragem. Não lembro pensamentos nem sensações, não lembro nada; mas sei que foi aí que o tempo parou. E continua parado, ainda não fui capaz de o colocar de novo em movimento. Como um relógio daqueles antigos a que é preciso dar corda; sou como um relógio antigo sem corda. Claro que os anos passaram, apesar do tempo estar parado; claro que a minha vida está a passar, apesar do tempo estar parado. E eu aqui, sentado numa escadaria: a ver o tempo passar, a ver a vida passar; à espera. Ou talvez não esteja preso no tempo; talvez esteja preso dentro dos meus pensamentos e das minhas acções. Não sei como me libertar; não sei se me quero libertar. O que faria com essa liberdade? Talvez fizesse o que fazem todas as outras pessoas: entregar-me a uma corrida contra o tempo, numa tentativa inconstante de acompanhar a sua voracidade e de não ficar para trás; é essa a obsessão: andar atrás do tempo para o apanhar, para o sentir entre os dedos; para o agarrar. Onze horas, ainda são onze horas. E se o tempo for circular? Como um carrossel, que anda sempre às voltas numa repetição permanente; do céu ao inferno, do inferno ao céu, do céu ao inferno; e etc.: entre céu e inferno, até ambos serem indistinguíveis, até ambos serem a mesma coisa. E se o tempo for circular, para que serve medi-lo? Importa que ainda sejam onze horas? Daqui a pouco amanhece e ainda serão onze horas. Estou preso neste momento; ou é o momento que está preso em mim? Talvez tenha sido eu a prender o tempo. Como se fosse magia; mas não é esta magia que me interessa. O truque de fazer desaparecer o tempo não me seduz; preferia o truque de fazer aparecer coelhos; ou pombas; ou qualquer outra coisa. Fazer aparecer. As pessoas continuam a passar, continuam a não

olhar; mas se olham, assumem que me conhecem; assumem que sabem o que sou. Pensam: drogado. Pensam: fraco. Pensam: parasita. Pensam: doente. Gostava de ser transparente; se fosse feito de vidro e não de pele, o que veria quem me olhasse? A verdade é que não sei o que pensam as pessoas, apenas imagino. Como quando olho alguém nos olhos e acredito que esse olhar me está a dizer que essa pessoa me ama ou me respeita; mas na verdade não sei, nunca saberei verdadeiramente; o olhar é a forma mais inexacta de comunicação que existe porque o que vejo no olhar do outro é apenas aquilo que desejo ver, que quero ver; como se o olhar do outro fosse um espelho. Ou uma bola de cristal. Os olhares são bolas de cristal e eu sou como um aprendiz de bruxo que finge perceber uma linguagem oculta. Acreditar no poder da comunicação através dos olhares é tão ingénuo como acreditar no poder da comunicação através dos cheiros? Talvez. A noite avança, apesar do tempo estar parado. Sinto frio, sinto fome; sinto desconsolo, sinto desamparo. O mundo estragou-me a vida; os outros estragaram-me a vida; o destino estragou-me a vida; eu estraguei-me a vida. Acusação e culpa são duas presenças muito fortes na minha existência sem tempo. Talvez sejam duas podridões que me corroem e contaminam. Dois cancros que atacam o osso. Olho as pessoas que ainda passam, ruidosas e indiferentes; e penso: a culpa é vossa. Logo depois, esqueço-as; apesar de ainda ouvir os seus risos. E penso: a culpa é minha. Ouço constantemente risos, a minha vida está repleta de risos dos outros. O que é bom, os risos dão-me esperança. Os risos distraem-me da culpa. E a culpa distrai-me da vida; do tempo parado. São onze horas. Se o tempo estivesse a andar talvez tivessem passado quatro minutos desde que me sentei nesta escadaria; quantos pensamentos cabem em quatro minutos? Quantas angústias? Quantas fugas? Quantas culpas? Tento que a vida se reduza ao seu esqueleto, ao osso; àquilo que me sustenta e mantém erguido. Ao momento. A este momento, que como qualquer outro pode ser decisivo, pode ser determinante; ou pode ser apenas mais um momento, indistinguível de todos os outros. Vou acumulando momentos indistinguíveis. Para quê? Porque sim. Porque não pode ser de outra forma. Ou pode? Talvez me possa levantar agora mesmo; talvez possa dar um passo nalguma direcção; talvez possa voltar a colocar o tempo em movimento. Talvez o tempo apenas esteja parado enquanto eu não sentir vontade de viver o momento seguinte. Talvez seja altura de me levantar daqui e caminhar; à procura do momento seguinte.

São onze horas e estou atrasado.

O ANTIGO SEM-ABRIGO QUE FAZ ALICERCES E LANÇA PONTES CONTRA A EXCLUSÃO

Jacinto Silva Duro

(Jornalista do Jornal de Leiria)

LEAD

As mãos hábeis de Jorge Cardinali são mágicas. São mais rápidas do que a mente e do que o olhar e na algibeira, nunca faltam lenços ou truques cómicos, para alegrar o coração de quem assiste aos seus espectáculos. Mas, quando não está a dar vida às artes de circo, ele é também arquitecto e construtor de pontes entre pessoas

Jorge é Cardinali e Cardinali é circo e magia. É um sobrenome que faz sonhar com o circo, com malabaristas, trapezistas com e sem rede, palhaços sérios e bufões, e... ilusionistas. Alquimistas de fazer com que aquilo que não é de verdade o seja aos olhos e na mente de quem vê.

Mas Jorge, que pertence à famosa família italiana cujo apelido, em Portugal pelo menos, é um verdadeiro património cultural imaterial e sinónimo das artes circenses, é mestre da vida real.

O destino, que lhe foi pouco gentil e o atirou durante muito tempo para a condição de invisível da sociedade, deu-lhe ténpera, ferramentas e a oportunidade de ajudar o semelhante a elevar-se à categoria de cidadão de pleno direito.

Um caminho pleno de escolhas, que o próprio Jorge também trilhou para fugir à existência de toxicodependente e sem-abrigo a que, durante anos, se viu condenado.

Desde que, há seis anos, se juntou como voluntário, às equipas de rua de apoio social, que apoiam os cidadãos que a nossa sociedade condena à invisibilidade.

Há um ano, tornou-se “mediador de pares” e colaborador, a meio tempo, da InPulsar - Associação para o Desenvolvimento Comunitário, que tem como missão contribuir para a inclusão social e económica de populações em situação de vulnerabilidade e exclusão. “Faço a ligação

com os sem-abrigo ou com quem tem dependências de drogas ou de álcool, num projecto de redução de riscos financiado pelo SICAD. Integro as equipas de dia, constituídas por técnicos, estagiários e voluntários, que trabalham na cidade de Leiria. Tenho uma relação muito boa com todos os que estão na rua... Estão sujos? Cheiram mal? Não tenho problemas em dar-lhes um abraço. Cai-lhes melhor um pouco de afecto e uma palavra amiga, do que uma sandes. Mas isto é um trabalho de equipa, onde todos somos importantes”.

Mesmo quando não está a trabalhar, na mochila, leva sempre alguns kits para substâncias injectáveis e recolhe os que não foram devidamente descartados e acondicionados.

O mediador de pares visita, regularmente, quem não tem tecto, indagando das suas necessidades e saúde e há sempre ocasião para uma conversa sem pressas.

Da boca do mágico, jamais saíram palavras com o objectivo de levar alguém a deixar a adicção, porém, isso não quer dizer que não fale abertamente da sua própria história. “Quero que eles pensem ‘é pá! O Cardinali conseguiu, se calhar eu também consigo’. Mas tem de partir deles. Não lhes martelo a cabeça. Quando me faziam isso, entrava por um ouvido e saía pelo outro”.

Para 2020, já elegeu uma resolução de Ano Novo: em nome da inclusão, vai tentar superar o recorde do Mundo a girar pratos, uma marca que, na verdade, já é sua. “Quero fazer com que as pessoas pensem: ‘se ele consegue, eu também consigo ultrapassar este desafio que está à minha frente!’”

Além de ser mediador de pares, na InPulsar, onde também colabora no projecto Giro Ó Bairro e no Redes na Quint@, na prevenção de risco de jovens e integração da comunidade cigana, é vice-presidente da Mesa do Conselho do Núcleo Distrital de Leiria da EAPN – Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal e faz espectáculos de magia aos fim-de-semana. Tem uma parceria com o palhaço musical Benny Clown. “Eu é que sou ‘o empresário’, arranjo os espectáculos e desafio-o”.

“Tenho orgulho da família que sou”

“Os primeiros Cardinali vieram de Itália, na década de 1880. Estamos em todo o mundo, mas, só em Portugal, é que nos dedicamos ao circo. Tenho uma prima que é artista de cinema em Hollywood e outra, na Argentina, que é actriz de cinema e novelas”, conta.

Já foi palhaço – alegre, porque está de relações cortadas com a tristeza – e, em casa, afixado numa parede, em lugar de destaque, há um diploma do Livro dos Recordes do Guinness. “Em breve, quero bater novo recorde de estar 24 horas a girar pratos”, anuncia, adiantando de rajada, que já entrou em três eventos do Impossible Challenger. “Mas isso já sabem...”, diz, de sorriso envergonhado.

“A vida de artista anima-me. Fascina-me fazer rir as pessoas. Sinto orgulho da família Cardinali que sou... não é da família que tenho, mas da que sou. Ainda hoje, ao fim de dez anos, na família, sou o ‘drogado’. Mas essa família, nem imagina o trabalho que hoje faço... nem querem saber”.

Os olhos brilham, o sorriso rasga-se e a voz atrapalha-se a falar dos filhos. São o seu maior orgulho. “Tenho uma relação muito boa com eles e penso que eles têm orgulho na pessoa que sou e no trabalho que faço, a ajudar outras pessoas”.

O destino quis que Jorge Isidro Cardinali da Silva nascesse em Penacova, distrito de Coimbra, há 55 anos, e fosse o quarto de dez filhos de uma família de saltimbancos. Os pais conheceram-se, claro, no circo.

O avô materno, Horácio, era dono do Circo Cardinali, título que juntava ao de palhaço. “Palhaço pobre, porque era divertido”, conta. O pai, António Silva, era o ilusionista Silvani, e a mãe, Adelaide Cardinali, prima direita do famoso Victor Hugo Cardinali, era contorcionista e a acrobata no topo da escada humana, número onde participava com os cinco irmãos.

Quando a jovem tinha 16 anos, o casal deixou o Circo Cardinali para abraçar uma vida de “saltim”, e ir de terra em terra a imprimir espanto e admiração nas faces de quem assistia aos seus espectáculos de rua.

A ideia de uma existência saltimbanca, hoje, até pode parecer romântica, mas a vida era penosa. “Lembro-me de ser pequenito e ir, de aldeia em aldeia, ao lado do meu pai, na nossa carrinha. Estávamos dois dias aqui, uma semana acolá e, pelo meio, ia à escola”.

Um dia, António Silva colocou em prática uma ideia que, há muito, lhe andava metida na cabeça. Parou em Leiria e inscreveu os filhos mais velhos num colégio. Os rapazes já tinham concluído o ensino primário e estava na hora de lhes dar uma outra educação.

O mesmo, eventualmente, aconteceria a Jorge, mas ainda não seria dessa vez que o mediador de pares estabeleceria uma ligação à cidade do Lis. Quando se deu o 25 de Abril, frequentava um colégio em Aveiro, onde concluiu o Ciclo Preparatório e, depois, seguiu para o Secundário.

“Faz-te à ‘vidinha”

“No primeiro ano na Escola Comercial e Industrial, chumbei e o meu pai tirou-me dos estudos. Ele pôs-nos a todos fora de casa e eu sai com 16 anos. Fui viver para Lisboa com uma tia, irmã da minha mãe, que estava no parque dos artistas, que me disse logo, para me ‘fazer à vidinha’. Comecei a fazer umas coisas de magia e a trabalhar nos cafés. Aprendi tudo sozinho. O meu pai, que era um homem muito inteligente e talentoso na sua arte, nunca ensinou nada aos filhos”, diz.

O primeiro truque que fez foi fazer desaparecer um lenço das mãos.

Com ele, adentrava pelas horas malvadas e calcorreava quase todos os cafés de Lisboa. Pedia boleias e quase todos os dias, tinha novos truques que lhe valiam uns escudos e que lhe enchiam o bolso. “Eu gostava... ainda hoje gosto desse contacto directo com as pessoas”.

A vida de adulto começou então a sorrir ao quarto filho de António e Adelaide. Conheceu uma menina e, como acontece quando o amor é verdadeiro, nasceu o desejado filho, um jovem hoje com 30 anos, motivo de orgulho de Jorge.

“Já tinha conseguido poupar o suficiente para comprar uma rulote e levava uma vida de saltim, a fazer espectáculos de norte a sul de Portugal”. Sempre que o mágico e a sua carrinha apareciam nas mais pequenas aldeias do País, tudo parava. O “circo” tinha assentado arraiais e o serão seria de festa nos cafés, nas associações recreativas e até na rua, desde que a noite fosse de ameno Estio. “Quando havia o escudo, podíamos trabalhar todos os dias num café e ganhar o suficiente. Veio o euro e... mentira. As pessoas deixaram de sair e agora só aparecem ao fim-de-semana”.

A vida singrava, porém, o destino tinha outros planos para o jovem, quando este completou 25 anos. Passados dois anos, em 1991, a mulher adoeceu e faleceu. Um cancro nos pulmões haveria de arrancá-la de Jorge... “Morreu-me nos braços”.

“Foi aí que fugi. Refugiei-me na heroína. Senti-me desamparado, sem ajuda da minha família”.

Da primeira vez que experimentou heroína, não lhe agradou. “Um rapaz conhecido arranjou a droga...” Hoje, olhando para trás, não sente que tivesse sido influenciado por “más companhias”.

“Só somos influenciados se quisermos. O que me levou à droga foi a perda do primeiro grande amor da minha vida, a tristeza, a solidão, a responsabilidade e a ausência de apoio”.

Nos sete anos seguintes, apesar do vício, Jorge lutou, preservou. Quando chegou o tempo de matricular o filho na primária, fixou-se em Leiria, procurando o apoio das irmãs, que viviam na cidade. Vivia com uma nova companheira, de quem teve o segundo filho.

Quando esta se foi embora, sentiu que caía no fundo de um poço. A heroína começou a comandar-lhe a vida. “Desmazelava-me, não fazia espectáculos todos os dias. Acabei por ficar na rua e fui viver com os meus dois filhos, o mais velho teria 9 anos e o mais novo, três, no meu carro, durante quase um ano. Ao fim desse tempo, tive a sorte de os conseguir colocar no Lar Flor do Lis, junto aos Capuchos, em Leiria. A Segurança Social já andava de olho no ‘pai que vivia num carro com os dois filhos’. Como me antecipei, não perdi o contacto deles e eles não foram separados”.

O refúgio que tinha procurado em Leiria, junto da família, foi apenas

uma miragem jamais concretizada. Os anos foram passando e Jorge continuou a afundar-se. Deixou de trabalhar, deixou de ter dinheiro, perdeu o carro, tornou-se sem-abrigo e começou a arrumar os carros dos outros. “Entre 20 arrumadores, 15 éramos consumidores. Os restantes sofriam de doença mental ou eram alcoólicos. O pior é que a heroína torna-nos desmazelados. Indiferentes. Andei naquilo dez anos... é uma vida, não é?”

Vivia de dose em dose e refugiava-se do frio em casas devolutas. “Estava ‘agarrado’ à heroína. A pior coisa deste vício são as ressacas. As ressacas de heroína são terríveis”.

Com o passar dos anos, Leiria também se habituou a – não - ver Jorge Cardinali a arrumar carros. Tornou-se numa das figuras mais reconhecidas da cidade, mesmo que, bastas vezes, o tratassem como se fosse uma não presença. Um fantasma invisível. Mas como sempre foi cortês e bem educado, aquele jovem que “orientava lugares” e “pedia moedinhas” para se sustentar a si e ao vício, era tolerado.

Entregue a si mesmo, divorciou-se até do amor-próprio. “Uma vez, estive dois ou três meses sem tomar banho. Sabia que cheirava mal, mas não me importava com nada. Só tinha um objectivo; arranjar dinheiro para tirar a ressaca”. E continua: “Como não sabia roubar, fui arrumar carros. E ganhei um certo estatuto como arrumador de carros. Numa noite de sábado, no parque da Sé, fiz 195 euros. No domingo de manhã, já não havia nada”. Tinha de se fazer “à vidinha” outra vez.

“Guardava o dinheiro para o quarto e beber um cafezinho. A gente nem pensa em comer. Compra um pão, um bolo e está a andar”, diz.

Mas houve pessoas que lhe estenderam a mão e se preocuparam com ele. Recorda uma senhora que, durante meses, todos os dias, lhe levava um café quentinho e uma sandes para pequeno-almoço. “Verdade! Quando saí da rua, ela deixou de me ver. Foi procurar-me e houve quem lhe dissesse ‘o Cardinali morreu’. Passado uns tempos, encontrámo-nos na rua e ela mudou de cores uma carrada de vezes. Ficou muito feliz por mim!”.

Durante o período em que viveu a pedir que lhe “orientassem” moedinha a moedinha, perdeu tudo, até apenas se sobrar a si mesmo. Ou nem mesmo isso. Afastou-se da família, perdeu anos de vida. “Perdi tudo. Até as poucas fotografias que tinha e o material da magia. Ainda assim, tentei estar presente na vida dos meus filhos. Ao mais velho, quando os deixei no colégio, dei a responsabilidade enorme de tomar conta do mais novo. Ele, só com dez anos, entendeu. É um rapaz inteligente, que nunca fumou um cigarro sequer. Ainda hoje, é o protector do irmão”.

Segunda oportunidade

A procura de uma nova vida, não aconteceu por influência divina ou por um qualquer momento crucial de ruptura. A Jorge, a revelação pareceu

suave. Quase corriqueira. “Acordei uma manhã, no meu quarto de pensão e... pensei: ‘estou farto disto. Tenho saudades da magia, tenho saudades do riso das pessoas... tenho saudades de mim.’ Recorri ao Projecto Porta Aberta, que trabalhava com os sem-abrigo e ao Centro de Atendimento a Toxicodependentes, actual Centro de Respostas Integradas”.

Primeiro, saiu da rua com o apoio do filho mais velho. “Ele disse-me: ‘está tudo bem cota. Mas agora, aqui, quem manda sou eu. Queres que te ajude? Tens de cumprir as minhas regras’. Concordei e segui para a etapa seguinte. Tratei da Segurança Social, fui ao médico, fiz exames e análises... e, no dia 4 de Janeiro de 2010, o meu filho deixou-me no Sobral Cid, em Coimbra, onde fui internado para fazer a desintoxicação. Não quis passar pela metadona, que também é adictiva”.

Era para estar apenas uma semana, mas ficou 15 dias. “Tinha na cabeça de que ia sair do vício e via-me fora dele. O primeiro dia passou-se bem. O segundo foi espectacular. Até voltei a fazer espectáculos de magia. Claro, estava cheio de medicação”, brinca.

Dos oito homens e duas mulheres que entraram no mesmo dia, apenas três conseguiram vencer o vício. “Os outros perderam-se, uns morreram, outros voltaram...”, diz, com um nó na garganta.

No dia em que saiu, à porta da clínica, estava o filho. “Cota, isto continua a ser como eu digo”, foram as primeiras palavras. Nos primeiros tempos, não saía de casa para ir ao café, sem ter companhia. “Ele não queria que eu recaísse”. E a tentação nunca estava muito longe.

“Numa ocasião, dei comigo com 20 euritos no bolso... Tinha o número de telefone de uma pessoa amiga e o do dealer. Tive alguém - uma estrelinha - que me meteu a mão. Liguei para essa pessoa amiga, que me foi buscar. Se tenho ligado para o dealer, não estaríamos aqui a conversar. Não podemos pensar que é só hoje, que é só uma excepção”.

Após deixar o vício, segue-se a etapa seguinte: reconquistar a confiança dos outros.

Jamais evitou os locais e as pessoas que dantes faziam parte da sua vida nas ruas. “Tinha um amigo, que já faleceu, e ele consumia. Eu ia visitá-lo, levar-lhe tabaco e ele consumia à minha frente. Nunca me tentou para consumir”.

Mas o contrário, acredita, já aconteceu. Toxicodependentes que se sentiram “tentados”, por Jorge, a libertar-se dos grilhões da droga. “Acho que pensam que, se o Jorge conseguiu, nós também conseguimos.”

Só após seis meses a sentir-se limpo, começou a equacionar voltar à magia em frente a um público. “Era mais fácil fazer assim uns cobres, do que com um emprego, porque tinha um rótulo e as pessoas não confiam em nós. Fui fazer magia com o meu irmão Paulo, para experimentar”.

Ingressou ainda num programa temporário da autarquia de Leiria que

dava emprego, na manutenção dos espaços verdes da cidade, ao “pessoal que estava na rua”. Durante um ano, passou cinco dias por semana a semear, a fazer germinar flores delicadas e a podar arbustos e árvores frondosas, um pouco por toda a cidade. A sua prestação e empenho não passaram despercebidos e fez parte de uma extensão da iniciativa, por mais nove meses, após o fim do programa da Câmara.

Ingressou na EAPN, de que acabou por se tornar representante por Leiria, e no Conselho Local de Cidadãos e aproveitou o tempo no programa da autarquia para fazer o 9.º ano de escolaridade, à noite, em regime de RVCC. “Eu era um cromo em computadores e tive muita ajuda de uma sobrinha. Mas do que me lembro é das expressões, quando me identifiquei ao restante grupo de alunos. Disse que era mágico, palhaço e que me chamava Cardinali. Reconheceram todos o nome. Tenho muito orgulho de ser um artista, do meu nome e daquilo que faço”. Os companheiros da sala de aula acolheram-no com carinho, apoiaram-no e ajudaram-no, quando tinha dificuldades na compreensão das matérias. “Se não fosse por eles, se calhar não teria acabado o RVCC”.

Agora, após mais uma jornada nas equipas de apoio social, o ritual quotidiano repete-se ao entardecer. A caminho de casa, ao volante, o mediador de pares avalia o dia, o que fez, as pessoas com quem falou, as palavras ditas e as muitas escutadas. “Posso dizer que sinto sempre que fiz o meu trabalho e ajudei os outros o melhor que consegui”.

(O autor do texto não utiliza o Acordo Ortográfico de 1990)

PALAVRAS DE MIM

Ana Cristina Bohrer Gilbert*

Quando nos é pedido para contar algo sobre a nossa vida, por onde começar, como escolher o quê contar, em que ordem, com que tonalidade? Que procedimentos de organização são ativados diante desta tarefa, quais os afetos mobilizados? E será que faz diferença contar de forma verbal ou escrita, ser esta ou aquela pessoa a nos escutar ou ler? Como expor um ‘eu’ em permanente construção? Sim, porque quando contamos algo do passado, estamos, em realidade, produzindo uma versão de nós, uma versão desse momento que vai além de um simples fato, uma vez que a memória é sempre contingente e entrelaçada aos afetos. Contar algo de si constitui, então, um processo de ‘ficcionar-se’, isto é, de construir narrativas no presente sobre a história pessoal, ou sobre algum recorte específico dessa história. É tornar a si próprio objeto da imaginação; ser ao mesmo tempo criador e personagem. Sob esse enfoque, podemos dizer que são ficcionais tanto os textos escritos para esta publicação pelos participantes do projeto da EAPN Portugal / Rede Europeia Anti-Pobreza, Núcleo Distrital de Leiria sobre situações vividas, quanto os textos criados a partir dos depoimentos pelos escritores, ilustradores e jornalistas envolvidos (inclusive, este presente texto), cada qual com suas particularidades materiais e discursivas: histórias sobre as histórias que são contadas em primeira pessoa.

Para James Hillman, teórico da Psicologia Arquetípica, a ideia de ficção é parte do movimento subjetivo de imaginação e de produção de imagens que acontece no viver diário, e envolve um potencial criativo que é da ordem do humano, não sendo restrito às genialidades artísticas. Assim sendo, ficcionar-se é um processo que não é exclusivo do âmbito artístico-literário, mas dele se aproxima, por envolver personagens e enredos. Significa olhar os eventos que fazem parte da própria história pelo ponto de vista da alma, sendo um processo, em si, curativo, na medida em que favorece e estimula uma revisitação das experiências, um novo entendimento de nossas complexidades e, em decorrência, uma (re) definição do eu.

E do que falamos quando dizemos alma, essa ideia tão carregada de significados cristalizados no imaginário social, considerada por muitos como algo distante da vida cotidiana? Por alma, Hillman entende não uma substância ou uma coisa definida, mas uma perspectiva, uma forma de olhar o mundo a partir do eu. Como perspectiva, é reflexiva, isto é, estabelece um caráter relacional entre os eventos e nós; constitui uma espécie de filtro que possibilita o aprofundamento do que é da ordem do factual, transformando eventos em experiências pessoais dotadas de significado. Para o autor, a alma abarca o aspecto imaginativo do humano, e a capacidade de imaginar é o que ele considera como a primeira forma de liberdade da alma que deve ser preservada, a fonte de nossas particularidades como indivíduos e como participantes de uma cultura. Hillman alinha-se ao pensamento de Carl G. Jung, teórico da Psicologia Analítica, que considera as imagens, tanto as de vigília quanto as dos sonhos, como os dados primários da psique humana que brotam de forma espontânea e organizada, independente da vontade, e tudo aquilo que percebemos, pensamos, sentimos e verbalizamos é baseado nessas imagens psíquicas.

Narrar o próprio passado, revisitá-lo, atualizá-lo através da memória obedece a regras formais da linguagem, a convenções da escrita e a julgamentos socialmente transmitidos sobre a importância (ou a irrelevância, ou o constrangimento) de tal ou qual evento. E obedece também a indicações oriundas do eu profundo que apontam para a realização do potencial criativo por meio da imaginação e para a capacidade curativa da psique. Lembrar e escrever sobre a própria história é dialogar com as memórias como imagens, flexibilizá-las, libertá-las de significados cristalizados e ser habitado por elas de um modo que vai além do factual. Além disso, permite a identificação de certos enredos que permeiam a própria vida, como uma espécie de mito pessoal que organiza e conecta as experiências, acenando com a possibilidade de mudança dessas narrativas.

Para Jung, a criatividade é um impulso semelhante a um instinto e, como tal, busca a sua realização, o que acontece de maneira integrada à vida humana e envolve tanto aspectos e repertórios individuais quanto coletivos e culturais. Alinhada à proposição de Jung, a artista plástica Fayga Ostrower refere-se ao ato de criar como dar forma a alguma coisa, não necessariamente no sentido literal de manufatura de um objeto, mas como um modo de ordenar, configurar, atribuir sentido. Ao invés de uma descrição literal de fatos e circunstâncias, contar algo a alguém, de forma não-verbal (pintura, fotografia, escultura, colagem, etc) ou verbal (falada ou escrita), significa criar imagens e explicitar a perspectiva subjetiva desses acontecimentos fora da dicotomia real-irreal. Os fatos não mudam, mas a forma de olhá-los se modifica e eles ganham novos sentidos pelo ato de

narrar; assim sendo, a memória não constitui um reservatório passivo e imutável, mas é atualizada constantemente.

A recente campanha de EAPN Portugal “Palavras com corpo e alma. Porque a pobreza não é ficção.”, lançada em outubro de 2019, é um exemplo desse tipo de ordenação e criação de imagens. No texto da campanha, a palavra ficção se refere ao caráter de realidade da pobreza na vida dessas pessoas e do país; contudo, ela também abarca o sentido hillmaniano de ficção: a escolha pessoal de palavras para expressar a vivência da pobreza devolve a voz aos indivíduos, considera-os agentes de suas próprias vidas, capazes de uma construção imaginativa e discursiva da sua experiência. Ao mesmo tempo, produz uma exposição de si que, se por um lado provoca um aumento dessa vulnerabilidade, por outro, sugere uma força surpreendente de afirmação dos próprios contornos, de potencialidades e limites. Ainda que as diferenças individuais entre os participantes sejam perceptíveis, há um elo comum entre eles: o fato de estarem conectados à rede devido a circunstâncias de vulnerabilidade em suas vidas que, por mais diversas que possam parecer quando se olha as histórias particulares, carregam semelhanças que afetam o seu presente e suscitam sentimentos comuns.

Nas histórias desta publicação, de maneira similar, a escolha do que contar e a sua ordenação narrativa refletem o modo como circunstâncias sociais objetivas compartilhadas são subjetivamente apropriadas e permitem uma reconfiguração do eu com reverberações internas significativas, ainda que a mudança na realidade cotidiana seja pouco visível. Ao aceitarem o desafio de escrever sobre um acontecimento da vida, os participantes investiram no exercício imaginativo como forma de entrar em contato e de lidar com imagens psíquicas sobre eventos e circunstâncias mais ou menos difíceis, ou mesmo traumáticas. Além do elo de pertencimento à rede, uma nova camada de conexão foi acrescida: o pertencimento a uma proposta comum que, por mais individual e solitário que possa ter sido o processo de escrita, ganhou um cunho coletivo devido à presença potencial dos outros participantes do projeto e à perspectiva de publicação. O que era considerado de cunho privado torna-se público, com um redimensionamento de fronteiras entre essas duas esferas e uma resignificação pessoal e social das memórias.

Tanto a EAPN Portugal quanto a escrita tornam-se uma espécie de casa que dá um lugar, para além de um espaço físico, a pessoas que se percebem à margem, tanto em termos materiais, quanto emocionais, pessoas que perderam (ou nunca tiveram) voz e escuta de alguém. O exercício de certo distanciamento ao narrar é o que permite a escolha das palavras, o descortinar das imagens e das emoções para que as vivências venham à tona. Voz, corpo, e alma, o que nos constitui, estão presentes no ato da

escrita, ato criativo e comunicativo de construção narrativa das memórias, de articulação entre passado e futuro, capaz de provocar uma alteração no presente pelo processo de ficcionar-se e de perceber-se como uma composição de múltiplas imagens que se mantêm vivas e pulsantes.

Os depoimentos constituem memórias mediadas, na acepção de José Van Dijk, ao mesmo tempo objetos materiais que registram o passado (escritos em meio analógico ou digital) e conceito relacional entre mente e corpo (as memórias são impressas também nos corpos), indivíduos e grupos, tecnologia e cultura (com seus atos criativos e produtos concretos, tais como textos, fotografias, áudios). As memórias individuais desdobram-se e reverberam memórias coletivas: familiares, comunitárias, institucionais e nacionais; refletem as múltiplas camadas do modo como preservamos e apresentamos imagens de nós (em constante mutação), as quais traduzem aspectos identitários individuais e grupais num determinado espaço-tempo e, em especial, um senso de conexão e pertencimento. A um só tempo, a memória molda e é moldada pelo meio usado para registrar as experiências, neste caso, a escrita.

O discurso por imagens está presente em qualquer âmbito, desde o científico até o artístico, passando pelo ato de contar um fato da vida, de cunho aparentemente objetivo e estático. Tomemos os títulos dos depoimentos: cada um deles resume numa frase a trajetória pessoal e o que cada um escolheu para contar, e que se desdobra em inúmeras imagens ao longo de cada texto, não apenas para o seu autor, mas também para os leitores. As imagens dialogam entre si, ora conflituantes, ora concordantes, como múltiplas vozes; dialogam com os outros autores que foram desafiados a escrever e a ilustrar a partir de cada história, criando ficções literárias, jornalísticas, imagéticas e teóricas; e, por fim, dialogam com o leitor, que é levado a imaginar (isto é, ficcionar) o evento narrado por meio da criação de suas próprias imagens a partir do estímulo do texto, criação, essa, influenciada pelo seu repertório pessoal e cultural.

A perspectiva de engajamento em uma iniciativa de cunho artístico se soma ao tom político de que este projeto se reveste. Memórias consideradas, aparentemente, sem significado por se referirem a pessoas sem representação têm um importante papel no cenário político-social. O que é narrado nas histórias pessoais nos atravessa a todos, não apenas pela humanidade compartilhada, mas principalmente, por tratar de condições de precariedade de vida que afetam diversas populações no mundo contemporâneo, para além das diferenças culturais e políticas. Observamos um repertório de imagens que remetem a aspectos de vulnerabilidade humana, com os quais temos muita dificuldade de entrar em contato: pobreza, violência (em suas múltiplas manifestações), desilusão, impotência, discriminação, desvalor, desequilíbrio emocional, desamparo,

exclusão social e falta de acesso a direitos e serviços. Percebemos, também, um repertório coletivo de temas, padrões psíquicos a que Jung chama arquétipos, formas vazias que são preenchidas e atualizadas em incontáveis imagens em cada cultura e em cada momento histórico, e que orientam as perspectivas individuais. Um exemplo desses padrões é o arquétipo do herói em sua trajetória de percalços e aprendizado que ganha imagens específicas em grupos humanos distintos. A figura do herói está presente nos depoimentos, desdobrada em elementos como jornada, superação de obstáculos, retorno a um lugar de origem (predominantemente interno), de certa maneira fortalecido e com mais conhecimento de si. Se, por um lado, a figura do herói é fundamental em termos de desenvolvimento psíquico, por outro, na sociedade ocidental contemporânea, reforça subjetividades construídas em torno do sujeito autônomo e capaz, entendido como universal, invalidando quem dele difere.

As histórias mostram uma estrutura narrativa comum em que o padrão temporal linear equilíbrio-ruptura-equilíbrio prevalece, às vezes em ordem cronológica (ainda que inversa), às vezes como ciclos que se repetem e que soam como estagnação ou prisão. O momento de ruptura da situação inicial de equilíbrio é perturbador e aparece sob a forma de várias imagens: uma descida ao fundo do poço ou ao inferno, um autêntico morto-vivo, como na história de Jorge; uma partida do destino, desorientação e perda de sentido, como descreve Alice; ou ainda, como um pesadelo em que a sensação de marginalidade parece destroçar a vida, como nos conta Beatriz. São momentos em que a situação de vulnerabilidade se exacerba, a sensação de impotência quanto à possibilidade de mudança toma conta e a fragmentação do eu se acentua, seja pela drogadicção, seja pela dúvida quanto à própria capacidade de existir, de sobreviver, de ser importante para alguém. A tentativa de preservar alguma organização interna, de dar sentido aos acontecimentos que sirva de alento diante de tanta adversidade é fundamental para todos, o que se torna possível graças ao esforço de determinação para manter o foco no momento presente, ao apoio, quase sempre escasso, e ao afeto de algumas pessoas, familiares ou profissionais de instituições como a EAPN. Contudo, em muitos momentos, a solidão prevalece, a revolta toma conta e a sensação de fracasso (e culpa) é inevitável diante da percepção de não corresponder aos padrões sociais e de ser, por isso, excluída/o ou invisível para o sistema. O retorno a um novo equilíbrio, diferente do inicial, acontece de forma lenta e gradual, com conquistas diárias que são reconhecidas apenas em retrospecto.

O sentido de pessoa se enfraquece pela vivência de existir à margem em um sistema econômico globalizado que cria microssociedades (usuários de drogas, imigrantes, etnias diversas, desempregados, sem-abrigo, entre outros), as quais coexistem e circulam pelos mesmos espaços urbanos que

a sociedade considerada como dominante. Em uma análise mais subtil desses espaços de circulação, percebemos coreografias tácitas que definem quais os percursos possíveis e para quem; definem a distância que devemos manter de certos corpos para que seus cheiros e dores e carências, enfim, para que a sua humanidade demasiado humana, não nos contamine; e estabelecem níveis distintos de invisibilidade que nos protegem de enfrentar o olhar dessas pessoas e de ver a nós mesmos refletidos nele. A consequência disso é a perda da alma, ou, como referido anteriormente, a perda da perspectiva do eu sobre os eventos, uma vez que esse eu deixa de ser considerado como voz válida e como cidadão, incapaz de realizar ou empreender numa sociedade focada no desempenho, na voracidade do tempo, na soberania da informação, como discute Byung-Chul Han; em suma, um perdedor e um fardo para a coletividade. Recuperar a capacidade de narrar-se é reafirmar-se como ser, porém, fora dos valores de produtividade e desempenho; é resgatar a confiança em si e no outro, a possibilidade de solidariedade e de partilha.

O projeto da EAPN Portugal, que resultou nesta publicação, proporcionou um canal de expressão para que pessoas em condições de vulnerabilidade reencontrassem palavras para falar de si diferentes das que são ditas socialmente sobre eles (drogados, fracos, incapazes, desocupados, parasitas, etc), e não apenas para relatar fatos. Cada um dos participantes, à sua maneira, escolheu o quê contar e como, num processo de revelação pela escrita que, como aponta Michel Foucault, ao criar imagens sobre si e sobre a própria história e partilhá-las com o público, permite a construção de novos discursos de verdade sobre seus corpos, pensamentos e formas de ser, resultando em novos rearranjos do eu. Os textos literários, imagéticos, jornalísticos e teóricos criados a partir das ficções pessoais dialogam com as histórias; junto com elas, criam imagens que contribuem para a reflexão sobre situações de vida semelhantes, e nos convidam a perguntar sobre os olhares, as palavras e os gestos que usamos nas nossas relações com o outro no mundo e com o outro em nós.

♦♦♦♦

*Ana Cristina Bohrer Gilbert nasceu no Rio de Janeiro, Brasil. É psicóloga clínica, pesquisadora independente e fotógrafa. Possui doutorado em Saúde Coletiva e realizou pesquisa de pós-doutorado em Estudos Culturais, em torno do tema da deficiência. É autora do livro *Vértice do Impensável: um estudo de narrativas em síndrome de Down* (2012) e de diversos artigos sobre o tema em publicações nacionais e internacionais.

Referências

- Adler, Gehard, Michael Fordham, and Sir Herbert Read, eds. *Collected Works of Carl G. Jung*. London: Routledge, 2015.
- Foucault M. *Technologies of the self*. In: Rabinow P, Rose N, editors. *The essential Foucault: selection from Essential Works of Foucault, 1954-1984*. New York: The New Press, 2003. p. 145-69.
- Han, Byung-Chul. *The Burnout Society*. Stanford, California: Stanford Univesity Press, 2015.
- Hillman, James. *Re-visioning Psychology*. New York:Harper Perennial, 1992.
- Hillman, James. *Healing Fiction*. Connecticut: Spring Publications, 1994.
- Ostrower, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Van Dijck J. *Mediated Memories in the Digital Age*. Stanford: Stanford University Press, 2007.

